

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E
CULTURA

SUB-VERSÕES DO FALO:
interrogantes sobre o lugar do feminino no discurso capitalista

LÍVIA MACIEL VIGIL

SOB ORIENTAÇÃO DE ROBERTO HENRIQUE AMORIM DE MEDEIROS E
COORIENTAÇÃO DE GABRIEL INTICHER BINKOWSKI

Porto Alegre

2024

LÍVIA MACIEL VIGIL

**SUB-VERSÕES DO FALO:
interrogantes sobre o feminino no discurso capitalista**

Dissertação apresentada como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre, junto ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Linha de Pesquisa: Psicanálise e Cultura
Sob orientação do Professor Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros e coorientação do Professor Dr. Gabriel Inticher Binkowski

Porto Alegre

2024

LÍVIA MACIEL VIGIL

SUB-VERSÕES DO FALO:
interrogantes sobre o lugar do feminino no discurso capitalista

Aprovada em: ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros (orientador)

Prof. Dr. Gabriel Inticher Binkowski (coorientador)

Profa Dra. Tania Cristina Rivera

Profa Dra. Andréa Máris Campos Guerra

Profa. Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo espaço dado a esta escrita.

Ao Roberto, orientador, por acolher meu desejo de pesquisar.

Ao Gabriel, coorientador, por generosamente aceitar trabalhar conosco.

Aos grupos de pesquisa, por acompanharem a invenção deste texto.

À banca, Andréa, Tania e Sandra, pelo tempo dedicado à leitura do que escrevi e à escuta da apresentação do trabalho.

A minha família, mãe, pai e irmão, que é meu lugar no mundo.

Ao Ismael, que esteve presente durante todo meu percurso acadêmico, mesmo quando era só um desejo.

À Ale e ao Pedro, pela leitura cuidadosa deste escrito.

À Carla, pelo amparo.

À Drielly, por me lembrar de que era possível.

À Júlia, pela constância.

À Rosane, pela inspiração.

Ao Projeto Gradiva, pelo trabalho subversivo.

Às participantes desta pesquisa, por apostarem nela junto comigo.

Às mulheres subversivas da minha vida, que me fazem quem sou.

*Lembrar-se e narrar-se é subverter a história já contada.
(trecho do livro Esperança Feminista, de Débora
Diniz e Ivone Gebara)*

RESUMO

O discurso capitalista, anunciado por Lacan em 1972 como discurso que não faz laço, produz uma forma de submissão própria da contemporaneidade, inserida na lógica fálica do ter para ser. Nessa lógica, o feminino é rechaçado e, por apontar à falta e à incompletude, colocado na mira da violência. A partir de uma pesquisa de campo junto ao Projeto Gradiva, que oferece atendimento gratuito a mulheres em situação de violência, esta pesquisa visa investigar formas de subversão da lógica fálica no discurso capitalista, através da escuta das mulheres. De natureza qualitativa e exploratória, esta pesquisa consiste na análise das narrativas produzidas em encontros de um grupo de palavra composto por mulheres em situação de violência, registradas a partir do método de crônicas, tendo, como caminho metodológico, o ensaio em psicanálise, que situa o saber fora do lugar de quem pesquisa e permite que se ensaie a própria subjetividade do que se escreve.

Palavras-chave: Subversão, lógica fálica, feminino, discurso capitalista

ABSTRACT

The capitalist discourse, as articulated by Lacan in 1972 as a discourse that does not create bonds, engenders a form of submission typical of contemporaneity, embedded in the phallic logic according to which one must have in order to be. Within this logic, the feminine is rejected and, because it points to lack and incompleteness, becomes a target of violence. Through fieldwork conducted with Projeto Gradiva, which offers free support to women experiencing violence, this research aims to investigate forms of subversion of the phallic logic in the capitalist discourse by listening to women. Qualitative and exploratory in nature, this study involves the analysis of narratives produced in meetings of a word group composed of women experiencing violence, recorded using the method of chronicles. The methodological approach taken is rooted in psychoanalytic essay, which positions knowledge outside the researcher's domain and allows the exploration of the researcher's own subjectivity in the process of writing.

Keywords: Subversion, phallic logic, feminine, capitalist discourse

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1. O(S) FEMININO(S): UM PROBLEMA PARA A PSICANÁLISE?	15
2. A LÓGICA DO FALO	20
3. ENSAIAR-SE	25
4. MÉTODO A POSTERIORI: O GRUPO	32
5. ENSAIOS A CONCLUIR	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	62
ANEXO B: CRÔNICAS	64

Minha implicação com o tema desta pesquisa inicia muito antes de o ingresso no mestrado. Como ser mulher em um tempo como este, em um país como este? Essa pergunta levou grande decurso para poder ser anunciada em mim, mas desde cedo me intrigou, principalmente quando a hierarquia de gênero se impunha violentamente. Tendo, eu, um irmão homem, além de amigos meninos da escola, não me dava por satisfeita quando ouvia a reprimenda “menina não pode”. Não pode, pois é menina.

O ser mulher atualiza-se na adolescência e, comigo, não foi diferente. Já muito jovens, aprendemos que ser uma mulher é perigoso. Trocar com outras mulheres é descobrir que nenhuma vive sua vida sem passar por algum episódio de misoginia. Nenhuma, sem exceção. Ser uma mulher é estar sempre em alerta, é viver com o medo e a possibilidade de não voltar para casa inteira. É viver a vida evitando ser violada.

Se ao longo da infância e da adolescência, não me contentava com as explicações sexistas sobre o mundo, foi na adultez que esse incômodo pôde se transformar em movimento. Na literatura, na arte, no meu percurso de análise e na troca com pares surgiram novas possibilidades de ser mulher. Foi surgindo, em mim, o desejo de intervir nessa realidade. O “não pode, pois é menina” já não cabia mais.

Passar a integrar a equipe do Projeto Gradiva, em novembro de 2020, pôde formalizar meu desejo de intervenção na violenta realidade de gênero desse país. Era assustador pensar na responsabilidade de escutar clinicamente uma mulher em situação de violência. Costumo dizer que o relatado nessa clínica mais parece um filme de terror – e o “terror” vem do fato de que, ao ouvir os relatos, penso: poderia ser comigo.

O que me separa dessas mulheres? Certamente, a realidade econômica, social e racial. Porém, também me pergunto: o que nos aproxima? Será que somos tão diferentes assim? Se ouvir as histórias de violência sofridas pelas pacientes do Gradiva assusta, é ainda mais assustador fechar os ouvidos para esse grande problema de saúde pública que é a violência contra a mulher.

Uma clínica pública de psicanálise, como é o caso do Projeto Gradiva, enfrenta muitos desafios. Não raro nos questionamos, como equipe, como de fato ajudar mulheres em situação de violência sem reproduzir lugares de violência teórica, por exemplo, ou atuar apenas tamponando os furos do Estado no que concerne a políticas públicas.

É necessário seguir avançando na escuta e no trabalho, apesar do não-saber e da angústia que acompanham essa clínica. Minha função no Gradiva como psicanalista, coordenadora clínica e supervisora atualiza meu desejo pela clínica como um todo, transformando minha escuta e ética. Escutar essas mulheres me possibilita escutar outros sujeitos, compõe minha própria formação como analista.

Entendo que a vida de muitas mulheres tem podido ser transformada a partir do trabalho do Projeto Gradiva. A escolha por esse tema de pesquisa passa pelo desejo de seguir intervindo em e transformando, dentro dos limites que nos atravessam, essas vidas. Retomando a pergunta “o que me aproxima dessas mulheres?”, ensaio uma resposta: o potente efeito de transformação que o trabalho no Gradiva opera em mim – como psicanalista, como pesquisadora e como mulher.

1. INTRODUÇÃO

“Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá à toda. Mas, há algo a mais”

(LACAN, 1972-1973, p. 80).

O Discurso Capitalista, laço social dominante na atualidade (BUENO, 2019), tem desempenhado grande papel na produção de mal-estar subjetivo com seus imperativos de gozo e rejeição à castração. Apresentado por Lacan uma única vez em 12 de maio de 1972, em uma fala em Milão, na Itália, esse discurso consiste em uma variação do Discurso do Mestre – outrora lugar de autoridade e organização simbólica – que produz o mestre capital, excluindo o outro do laço social e o substituindo por um objeto de consumo. (BUENO, 2019) Em uma não-relação entre sujeito (\$) e saber (S2), o mestre capitalista moderno ordena a produção de objetos consumíveis, estabelecendo que o sujeito, pela via da repetição da cadeia significativa, siga atuando a ordem desse semblante de mestre. (BRAUNSTEIN, 2010).

Lacan designa como discurso o próprio laço social que, segundo ele, ancora-se na linguagem e se situa no *fa-lasser* (LACAN, 1972-1973). Destarte, esse postulado lacaniano não contempla palavras, mas estabelece modalidades de gozo, produzindo posições discursivas cambiáveis. (MEDEIROS, 2009). Porém, existe, aqui, uma particularidade conceitual que concerne ao discurso capitalista, visto que os discursos do mestre, da histórica, da universidade e da psicanálise se desdobram como estruturas que enlaçam o social (BRAUNSTEIN, 2010). Sobre o discurso capitalista, porém, Lacan (1972) citado por Braustein (2010), discorre: “o que distingue o discurso do capitalista é a *Verwerfung*, a rejeição; a rejeição fora de todos os campos do simbólico com aquilo que eu já disse que tem como consequência a rejeição de quê? Da castração.” (LACAN, 1971-1972)

Como mencionado, por ser paradoxalmente um discurso que “desfaz o laço social, ao invés de enlaçá-lo” (SOLER, 2011), o discurso capitalista se utiliza – muito astutamente, como aponta Lacan (1972) na conferência referida – de certo semblante de completude que mascara a Lei simbólica e, assim, a própria falta estrutural da castração. (SARTI; TFOUNI, 2013). Ao priorizar o consumo frente ao encontro com o outro, causa, segundo Camargo (2021), mutações significativas no laço social e, conseqüentemente, também nas formas de gozo, que se transformam em um mais-de-gozar insaciável diante da mercantilização dos objetos. Podemos, assim, entrever que é um discurso que parasita outros, um discurso acéfalo, que não produz subjetividade.

Considerando que as possibilidades de leitura e teorização acerca desse conceito lacaniano seguem em aberto, mesmo 50 anos depois, a psicanálise oferece suporte para que se possa construir outras formas de inscrição simbólica, que não necessariamente passem pela lógica fálica do ter para ser. Desde sua origem, a psicanálise se instaura como espaço que pode subverter e transformar. O ensino de Lacan dá continuidade a isso, apresentando transformações conceituais que não se esgotam e seguem fazendo questão. Nessa perspectiva, tomamos a apresentação de outras modalidades de gozo para além do gozo fálico – dando destaque ao gozo Outro, que se produz na posição feminina – como campo de investigação. Nessa via, nossa questão é: pode o feminino abrir caminhos para subversões da lógica fálica numa cultura dominada pelo discurso capitalista?

Primeiramente, é preciso situar o lugar do feminino na própria psicanálise. É fato que a invenção freudiana deu destaque à sexualidade feminina no século passado, ao propor a teorização do processo de constituição subjetiva de meninos e meninas como baseado em aspectos histórico e culturais. Todavia, a teoria edípica criou subsídios para a manutenção de um lugar de inferioridade das mulheres dentro da hierarquia de gênero. (COSSI, 2020).

A respeito da teoria lacaniana, uma de suas várias formas de abordar a mulher e o feminino foi através da conceitualização das modalidades de gozo. O gozo feminino, gozo Outro, não-todo fálico, descrito por Lacan no Seminário 20, (1972-1973) revela que “há um gozo suplementar, um gozo ‘a mais’, que está

para além do gozo fálico” (BAIMA, 2018). Esse gozo, que também é indizível e indecidível, leva-nos, segundo Camargo (2021), ao horizonte do impossível e da infinitude, do não-universal, sendo, assim, não decifrável, a parte que escapa. Com o feminino, na perspectiva lacaniana, cai-se no campo da singularidade – do uma a uma.

Nesse sentido, escutar o que “o feminino” tem a dizer pode abrir brechas para certa subversão da lógica fálica do ter/não ter, tão presente no discurso capitalista, ao inaugurar a possibilidade de outras formas de gozo não-fálico na atualidade. Sabe-se, no entanto, que o sujeito na posição feminina não pode dizer-se de todo, pois o não-todo dizer pertence à dimensão do feminino. (MEES, 2021). Nossa aposta é que, justamente, o semi-dizer da verdade feminina carrega consigo grande potência subversiva.

Importante ressaltar que a referência ao feminino não se cola, necessariamente, ao corpo da mulher. A psicanálise lacaniana nos dá subsídios para pensar “homem” e “mulher” como significantes que não detêm significação *a priori*. Assim, essas duas formas de gozo (masculina e feminina) podem ser lidas como semblantes culturais que se diferenciam como posições discursivas possíveis ao *falasser*. (LIMA; VORCARO, 2020)

Nesse contexto, escutar a experiência subjetiva de mulheres em situação de violência, como proposto nessa pesquisa, pode levar a saídas do estrito binarismo ter/não ter (RIVERA, 2020), que define o lugar de valor (ou de não-valor) do sujeito no discurso capitalista como forma de romper o “apagamento da singularidade e das marcas autorais” (MANO; WEINMANN; MEDEIROS, 2018) e o imperativo de gozo que se revelou indispensável à preservação do capitalismo tardio. (SAFATLE, 2020).

O autor defende que

[...] a modificação libidinal do capitalismo será solidária da assunção de algo que deve ser compreendido como impossível e inexistente em nossa situação social, a saber, uma forma de gozo não fálica. Há uma dialética aqui que o

pensamento crítico precisará saber manejar. (SAFATLE, 2020, p. 60)

A partir da noção de que o gozo produzido no discurso do capital adquire um valor contábil dentro do mercado, buscando a satisfação através de *gadgets* – objetos de consumo – e assumindo o lugar de um mais-de-gozar, avistar um para além do falo pode indicar, doravante o gozo feminino, o que Rivera (2020, p. 51) chamou de “um convite para modelos não-todo fálicos.” A justificativa dessa pesquisa passa justamente pela tentativa de corresponder a esse chamado, frente à necessidade política de construção de outras formas de inscrição no laço social.

Ademais, a reflexão sobre a atual posição subjetiva da mulher e do feminino justifica-se como de grande relevância no campo de intervenções ao sintoma social da violência de gênero, como forma de intercessão no mal-estar na cultura do nosso tempo, “pois o feminino foi, é e será o mal-estar na cultura, o ‘Unbehagen’ em pessoa!” (POMMIER, 2016, p. 73, tradução nossa).

Com base nisso, o presente trabalho buscou traçar caminhos possíveis de reflexão sobre a escuta psicanalítica do lugar do feminino na sociedade atual, na busca de romper com os sentidos falcizados do social. Para tal, propôs-se (i) revisitar as construções lacanianas em torno dos conceitos de discurso, discurso capitalista, gozo, gozo fálico, gozo Outro e as fórmulas da sexualização; (ii) promover a escuta das narrativas de mulheres em situação de violência, através do Projeto Gradiva, descrito abaixo; (iii) desbravar as consequências da teorização de Lacan nos Seminários 17 e 20 para a discursividade atual e suas críticas sobre as problemáticas em torno do feminino no contemporâneo.

Cientes da complexidade de nossa incumbência, propomos, agora, expor parte da discussão teórica que abrange os eixos fundantes dessa pesquisa, tais como os conceitos de “feminino” e “falo”. Após situarmos nosso posicionamento dentro desses debates, passaremos para a descrição do método utilizado nessa pesquisa e a análise do material recolhido através dele. Concluiremos, assim, com três ensaios psicanalíticos que apresentam alguns dados que estarão sempre em nosso horizonte durante esse percorrido metodológico, bem como

impressões transferenciais que se estabeleceram ao longo do percurso de pesquisa.

1. O(S) FEMININO(S): UM PROBLEMA PARA A PSICANÁLISE?

“Ser-se mulher é algo de tão peculiar, de tão misto, de tão compósito, que nenhum predicado pode por si só exprimi-lo, e os muitos predicados, caso os quiséssemos utilizar, contradir-se-iam mutuamente de tal maneira que só uma mulher seria capaz de suportar tal coisa; aliás, pior ainda, seria capaz de encontrar prazer nisso.”

(KIERKEGAARD, 1988, p.58)

O feminino é, desde a origem, um enigma para a psicanálise. O próprio Freud (1932) sustenta que mesmo sua teoria não poderia descrevê-lo, o que fez com que o levasse como pergunta por toda sua trajetória teórica. Apesar disso, talvez a psicanálise possa contribuir para a discussão, visto que essa pergunta não se apresentou apenas a Freud, mas também para outros campos do saber, como pode ser historicamente observado. (FREUD, 1932).

Muitas outras autoras e autores, dentro e fora da psicanálise, têm buscado dar contornos ao que se nomeia como feminino. Sabemos que feminilidade e masculinidade não se balizam na anatomia. (FREUD, 1932). Mas, afinal, o que é uma mulher?

Embora as noções de mulher, feminino e feminilidade não sejam sinônimos, é fácil observar que, ao se tratar de conceitos como esses, “os afluentes sempre desembocam no leito principal.” (MOLINA, 2016, p. 57). Talvez isso contribua para o fato de serem noções que escapam de certa inscrição no saber (PRATES, 2019), sem definições que as contemplem em sua totalidade. Apesar da impossibilidade de esgotar essa questão, faz-se importante traçar um

percorrido que vise apresentar algumas das várias faces do feminino que compõem esse vasto campo de debate.

O surgimento da psicanálise é marcado pelo lugar do feminino na sociedade vitoriana e o mal-estar proveniente dele. A psicanalista Maria Rita Kehl (2008) situa as mulheres como fundadoras da psicanálise juntamente com Freud, que não teria conseguido elaborá-la sem elas. Apesar disso, nos escritos freudianos, é comum encontrarmos as noções de mulher ou feminilidade como correlatos de passividade, inveja do pênis, frigidez e maternidade – predicados, esses, que aparentam ser os únicos possíveis para a mulher da época freudiana. Embora o psicanalista tenha revisto certas posições acerca desse tema ao longo de sua pesquisa – as quais são anunciadas na Conferência “Feminilidade”, de 1932 – não se pode poupá-lo de críticas acerca de sua visão conservadora e patriarcal sobre a mulher. Molina (2016) aponta ao paradoxo da posição freudiana: por um lado, deu voz ao sofrimento de muitas mulheres socialmente silenciadas, mas por outro, não conseguiu se desvencilhar da cultura machista de sua época, não à toa foi alvo de diversas críticas do movimento feminista como reação as suas teorias sobre a mulher.

Essas críticas também caíram sobre os postulados de Lacan, principalmente as formulações encontradas no Seminário 20. Afirmações como a inexistência d’A mulher, a impossibilidade das mulheres de falar e saber sobre seu gozo, sua posição como não-toda (LACAN, 1972-1973), entre outras, abriram precedente para que autoras feministas como Karen Horney, Luce Irigaray, Monique Wittig, Hélène Cixous, Lou Andreas-Salomé, Judith Butler – para citar algumas – questionassem o caráter falocêntrico e machista que, segundo elas, a teoria psicanalítica seguia atualizando.

Entretanto, autoras contemporâneas como Tania Rivera e Ana Laura Prates, por exemplo, veem na proposta lacaniana sobre o feminino – mais especificamente no que concerne às fórmulas da sexuação – possibilidades de abertura teórica. Para Prates (2019), as fórmulas da sexuação desvelam que “feminino” e “masculino” são posições subjetivas sustentadas pela ordem simbólica, produtos de um discurso determinado por ela. Segundo a autora, a visada lacaniana transforma essas dimensões em conceitos psicanalíticos. Porém, conceitos representados por significantes que, como todos os outros,

desvelam-se como esvaziados de sentido. Talvez por isso Lacan defenda, no Seminário 11 (1964-1965, p. 200) que “o que deve se fazer como homem ou mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça do Outro”. Isso abriria, portanto, novas possibilidades quanto à criação e à performatização do gênero.

Porém, Prates (2019) também reconhece o fato de que os significantes “homem” e “mulher” são, no social, construções banhadas de sentidos produzidos pela cultura e, assim, comportam, em sua própria estrutura, as bases que estruturam essa cultura. Nesse sentido, a socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2021) nos apresenta uma interessante explicação sobre os termos iorubá *okùnrin* e *obìnrin*, que se aproximam, respectivamente, das noções ocidentais de “macho” e “fêmea”. Segundo ela, essas expressões da língua iorubá se referem apenas a diferenças biológicas e anatômicas, não contemplando o sentido social hierárquico que ganham no Ocidente, onde portam conotações de privilégios e desvantagens que acabam se colando às dimensões de masculino e feminino, conseqüentemente.

Segundo ela, a colonização inventou a inferiorização das mulheres, instaurando, assim, “problemas ocidentais onde tais questões originalmente não existiam”. (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 37). As *obìnrin*, fêmeas iorubás, ao encontrar seus colonizadores, foram transformadas em mulheres à moda ocidental, ou seja, mulheres invisibilizadas e violentadas, que ocupam um lugar abaixo dos homens na hierarquia social. (OYĚWÙMÍ, 2021) Apesar de a psicanálise lacaniana prescindir de qualquer aspecto natural ou biológico da dimensão de sujeito, a teoria da socióloga nigeriana demonstra a importância de não se perder de vista os diferentes lugares epistemológicos de onde se colhe teorias acerca do feminino, bem como os predicados que cada cultura fabrica para o “ser mulher”.

Em sua conhecida obra *Deslocamentos do feminino*, Kehl (2008) define a feminilidade como:

uma construção discursiva produzida a partir da posição masculina, à qual se espera que as mulheres correspondam, na posição que a psicanálise lacaniana

designa como sendo a do "Outro do discurso". (KEHL, 2008, p. 65)

Porém, ela acrescenta: o encaixe perfeito das mulheres nessa definição está fadado ao fracasso (KEHL, 2008). Tal como na cama de Procusto, há sempre algo que falta ou sobra, impedindo o ajustamento da mulher no lugar designado a ela.

Para Fuentes (2009), o feminino pode ser entendido como figura de linguagem, ao expressar a mulher encarnada e o lugar da alteridade, que se desdobra como abertura ao infinito e radical exterioridade ao conjunto da totalidade. A autora também reconhece a impossibilidade da escrita do feminino *par excellence*, o que, segundo ela, causa os embates teóricos e políticos sobre esse tema.

No mesmo sentido, Camargo (2021) escreve que:

O feminino, por sua característica de indizível, tem um caráter enigmático e, poderíamos dizer potencialmente subversivo, pois enquanto não articulado à norma, pode trazer soluções contingentes e inesperadas, a partir de um essencial subjacente [...]. (CAMARGO, 2021, p. 201)

Porém, tudo que representa a feminilidade (inclusive o corpo anatômico da mulher), que escracha a falta a partir da inexistência de um pênis-falo, pode rapidamente deslizar de lugar de potência para lugar do horror e do insuportável, ao denunciar a finitude e a incompletude humanas. (BIRMAN, 1999). Ao pôr em xeque o referencial fálico que sustenta as construções subjetivas atuais, centradas no eu, o feminino representa uma ameaça à ordem do falo e sua estruturação social. (BIRMAN, 1999)

Diante do exposto, podemos perceber que as definições de feminino e feminilidade não definem a mulher em sua totalidade, o que nos leva a pensar – principalmente frente aos diferentes posicionamentos encontrados na literatura – que, sobre o feminino, não se fala no singular, apenas no plural. Os femininos são diversos e, como significantes produzidos na linguagem, são atualizados a

cada mulher e em cada mulher. Isso posto, essa pesquisa visa abordar os femininos em sua pluralidade, sem fechá-los em conceituações estanques, em consonância com Lacan (1972-1973), que defende que não se trata de nada mais do que significantes.

Vale ressaltar que esse grande enigma que não se traduz em significados não se refere apenas à feminilidade. Como já citado, a categoria “masculino” também não se esgota em definições, pois é atravessada por diversos marcadores culturais e subjetivos como reconhecimento, identidade e escolha objetal. Como Ambra defende, “o ser sexuado é indescritível em si” (AMBRA, 2017, p. 61).

Entretanto, para dispor de balizas quanto ao nosso objeto, o feminino, a feminilidade e o “ser mulher” serão abordados nessa pesquisa como o que representa o alvo da violência de gênero, nas suas mais diversas manifestações. Tomar os femininos como “condição do sujeito humano em relação ao desejo e à falta” (PEREIRA; SEI; SILVESTRIN, 2022) é a proposta dessa pesquisa, porém sem prescindir de sua imbricação com o horror que representam no contexto contemporâneo de um tempo regido pelo discurso capitalista, articulado por um sistema de produção da mais-valia, onde a falta é rechaçada e não pode aparecer.

Destarte, reconhecemos a urgência de pensar intervenções nessa realidade. Apostamos, assim, na pesquisa dos femininos como possibilidade teórica, ética e política de inventar novas formas de inscrição no laço social, que furem a atual lógica imaginária de tamponamento da falta, que aqui denominamos, com Rivera (2020), de lógica fálica. Indo, dessa forma, ao encontro de Camargo (2021, p. 201), que propõe: “no cerne da psicanálise, o feminino. Este, afeito a sub-versões”.

2. A LÓGICA DO FALO

“[...] ao fim da época do Falo, as mulheres terão sido ou aniquiladas ou elevadas à mais alta e violenta incandescência”.

(CIXOUS, 1975, p. 65)

Assim, como a noção de feminino, o falo também representa um conceito complexo e amplamente discutido no campo psicanalítico.

Sabe-se que essa noção se transformou ao longo das reformulações teóricas da psicanálise desde Freud, principalmente a partir dos estudos de Lacan. Se na teoria freudiana – pelo menos até 1923 – encontramos um falo muito colado à noção anatômica de pênis, com Lacan esse conceito é elevado ao estatuto de significante: um significante privilegiado, o significante da falta no Outro, obstáculo à completude da relação sexual.

Segundo Costa e Bonfim (2014), o pensamento do pai da psicanálise foi acusado pelo movimento feminista de falocêntrico ao situar o falo como elemento central da estruturação da sexualidade e, assim, estabelecer a hierarquia entre homens (que têm o falo) e mulheres (que não o têm e, portanto, invejam-no). Em seu texto *A organização sexual infantil*, Freud (1923, p. 160) defende que “para ambos os sexos, entra em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*”. A primazia do falo sugerida por Freud levanta questionamentos sobre o lugar da mulher na teoria freudiana, visto que a origem de seu argumento poderia levar ao apagamento das mulheres no social. (COSSI, 2020). Para Prates (2019), pensar o falo como pênis,

dando-lhe um juízo de valor ou transformando-o em uma normatividade, [...] pode nos auxiliar a pensar no lugar ocupado pela mulher nas sociedades que a consideram um ser incompleto, inferior sem direitos legais, entre outros, por não possuir um pênis. (PRATES, 2019, p.136)

No Seminário 20, Lacan apresenta o quadro que divide o *falasser* a partir do posicionamento em dois lados diferentes: o lado masculino e o lado feminino.

As fórmulas da sexuação, apresentadas no quadro abaixo, são teorizadas a partir das categorias da lógica modal (contingente, necessário, possível e impossível) e dos quantificadores universal e particular, que Lacan retira de matemáticos como Frège, Cantor e Pierce. (COSSI; DUNKER, 2017). Suas quatro fórmulas proposicionais, como o psicanalista francês as chama, inscrevem o ser sexuado em um ou outro lado, a partir de sua relação com o Falo (PRATES, 2019).

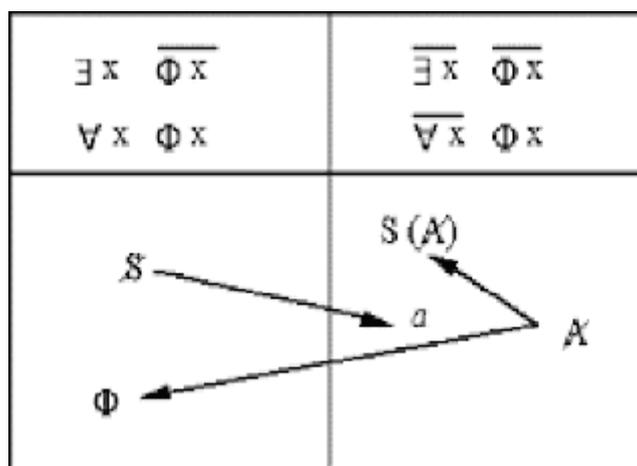


Figura 1- Fórmulas da sexuação. Seminário 20, p. 84

Lacan argumenta que o homem se inscreve como todo na função fálica, como pode ser observado no lado esquerdo do quadro, pois dispõe de ao menos um elemento que apresenta a negação. Esse “ao menos um” é pensado a partir da figura do pai da horda primeva, no mito de *Totem e Tabu*, que não encontra limites no próprio gozo e se posiciona fora da Lei. Segundo a lógica dos conjuntos – longamente percorrida por Lacan no Seminário 16 – essa exceção faz a regra, de forma que o lado homem forma um conjunto fechado todo inscrito na função fálica. (LACAN, 1972-1973)

À mulher, por sua vez, representada no lado direito do quadro, faltaria justamente esse “ao menos um” elemento, ao menos uma mulher que estabeleceria a exceção necessária para o fechamento do conjunto. Dessa forma, a mulher se inscreve não-toda na função fálica, não dispondo de um

conjunto que a contemple, o que culmina na escrita d'“ mulher” sempre com o artigo barrado. (LACAN, 1972-1973)

Mas Lacan (1972-1973) segue: o ser falante pode se posicionar em qualquer um dos lados, independentemente de seus atributos de gênero. Ele sustenta que, referindo-se às fórmulas, “tais são as únicas definições possíveis da parte dita homem ou bem mulher para o que quer que se encontre na posição de habitar a linguagem.” (LACAN, 1972-1973, p. 86). Ou seja, corpos reconhecidos socialmente como homens e mulheres podem transitar entre os dois lados, não se resumindo a apenas uma posição imutável. A inovação lacaniana, segundo Cossi (2020) seria essa nova forma de abordar a diferença sexual, considerando o falo enquanto operador lógico e as modalidades de gozo como não complementares. Para o autor,

Se temos agora um item comum a ambos, a função fálica, não se pode falar que homens são mais fálicos que mulheres, nem vice-versa. Se temos duas modalidades de gozo incomensuráveis, não podemos identificar homem com gozo fálico e mulher com Outro gozo – mulheres têm acesso ao gozo fálico e homens podem ter acesso ao Outro gozo. (COSSI, 2020).

Perante o exposto, fica evidente o protagonismo do significante fálico na organização sexual do sujeito do inconsciente. O falo tem a função de circunscrever a relação sexual, impedindo sua completude, mas possibilitando o acesso ao gozo, mesmo que limitado. O falo como significante da falta, significante onde a falta se inscreve, barra o acesso ao corpo do Outro, inscrevendo o gozo na lei e o limitando ao próprio corpo. (LACAN, 1972-1973).

Porém, apesar de Lacan introduzir o caráter simbólico do falo, muitas vezes encontramos na literatura – inclusive no campo psicanalítico – o conceito de falo revestido de seu aspecto imaginário. Concordamos com Costa e Bonfim (2014) que, malgrado a proposta psicanalítica de dissociar falo e pênis, não se pode negar a inevitável associação entre esses dois termos.

Ao diferenciar falo simbólico e imaginário, Bleichmar (1991) explicita a versão do falo como imagem, cuja presença confere a ilusão da completude, como objeto totalizante da plenitude. O autor argumenta que

O falo imaginário é o que completa uma falta, produzindo a expansão do narcisismo, sua satisfação. Algo que é vivido pelo sujeito como falta – estamos no nível da subjetividade – encontra algo que pode ser qualquer coisa, que produz a ilusão, quando se o tem, de que se está completo. [...] O falo imaginário permite-lhe manter a ilusão, então, de que não falta nada. Isto é o que se chama de função imaginária do falo. E o objeto que cumpre isso, *qualquer coisa*, converte-se no falo imaginário. (BLEICHMAR, 1991, p. 22)

Podemos deduzir, então, que a confusão entre falo como significante simbólico da falta e falo como imagem do objeto totalizante se dá ao longo da vida psíquica do ser falante do nosso tempo. Na busca de assegurar ou reivindicar através dos significantes fálicos disponíveis no discurso capitalista, não se está longe da própria misoginia e objetificação da mulher, por exemplo (RIVERA, 2020),

Na verdade, não faltam exemplos atuais de objetos que, inseridos na lógica capitalista já percorrida aqui, são elevados ao estatuto de falo imaginário e, assim, transformados nos *gadgets* apontados por Lacan (1969-1970). É a partir dessa faceta do falo que entendemos, nessa pesquisa, a lógica fálica como o que sustenta a captura gozosa do “ter para ser”, que é permeada por uma promessa falaciosa do acesso livre a todos os bens de consumo, pela via do capital. Ora, se na lógica fálica só é possível ser ao ter, que lugar resta à mulher não-toda, à mulher que carrega a marca da falta, provocando horror e angústia a quem a vislumbra, tal qual a própria imagem da Medusa?

Embora, como aponta Rivera (2020), os símbolos fálicos se desvelem esvaziados, como o representado nos quadros *Os embaixadores*, de Holbein, e *Psiche surprende Amore*, de Zucchi, o capitalismo liberal sustentado pelo patriarcado engendra a pura positivação desses símbolos como objetos de

grande valor. Novamente, aqui, cabe a pergunta: como ficam os sujeitos que escracham a falência do valor fálico nesse contexto?

Como tentativa de resposta, Ribeiro (2020) aponta que “a gramática é a *mulher é sem tê-lo*”. Por não deter do falo natural no corpo – esse pedaço de carne que lhe falta – a mulher funda outras formas de inscrição no social, em que é possível ser sem ter, numa certa dialética da negatividade. (RIBEIRO, 2020). A posição feminina, então, situada como o que desvela o absurdo do ter, revelando que “tudo ter” compreende “ter nada”. (MCGROWAN, 2013, p. 157). Com as mulheres, portanto, abre-se a hipótese de pensar em lógicas outras, bem como em formas de subverter a atual lógica dominante.

A mulher como não-toda é reivindicada por Rivera (2020), no que tange à produção discursiva dos efeitos lógicos da sexuação sobre a constituição do sujeito, como fundadora de uma lógica não-toda inscrita no falo. Lima e Vorcaro (2020) se referem à lógica não-toda fálica como outra forma de gozo na linguagem, que permite aos sujeitos resistir ao universal, furando-o, posicionando-se na própria singularidade. Se a lógica fálica remete a algo em comum a todos os elementos, constituindo, assim, um conjunto fechado, a lógica não-fálica “nos abre para o outro como radicalmente diferente, imprevisível e sempre surpreendente. É a lógica do não todo, a lógica da diferença, enquanto diferença radical.” (QUINET, 2012, p. 6). Ou seja, é possível vislumbrar o caráter subversivo da posição feminina por excelência.

Nesse sentido, a escuta psicanalítica do feminino pode atuar como potencial de subversão da lógica fálica do ter/não ter, tão presente no discurso capitalista, apostando na possibilidade de outras formas de gozo não-fálico na atualidade. Demonstrando, assim, que essa falta denunciada pela dimensão feminina, isso que escapa ao discurso, opera como lugar subversivo de desejo e enunciação.

As mulheres sempre ocuparam, dentro da psicanálise, o lugar de quem revela a castração do mestre e o furo no saber da ciência. Segundo Rivera (2020, p. 55), elas ocupam, na teoria freudiana, o “território da inscrição da falta”. A autora também sustenta o potencial histórico da psicanálise de criar estratégias subversivas ao falo, uma vez que inaugura vias para a construção de enigmas e

narrativas ficcionais, promovendo o arejamento da exigência do mais-de-gozar. Para ela, as teorias psicanalíticas de Freud e Lacan, mais do que apenas reproduções do falocentrismo normativo da cultura, convocam-nos a ocupar esse lugar de subversão, ao apontar para estratégias de usurpação da lógica fálica. (RIVERA, 2020).

Costa e Bonfim (2014) alegam que “tomar o falo como significante não impede que ele tenha em sua origem a dimensão imaginária do pênis”, pois se dentro da psicanálise foi possível avançar o debate para além do órgão anatômico, o falo entra como símbolo do poder patriarcal no campo do social, o que também interessa à psicanálise desde sua origem. Como aponta Rivera (2019), faz-se urgente e necessário repensar a noção de falo, considerando o fato de ser um campo teórico extremamente complexo. Diante da complexidade e contradições presentes nos termos que engendram o sexual do sujeito e seus desdobramentos, é preciso escutar esses sujeitos sociais, uma vez que o sexual é aquilo que não para de não se inscrever, ou seja, atualiza-se ao longo de toda vida psíquica, porém não sem marcas, conflitos, efeitos e deslizamentos que, se silenciados, podem enclausurar o sujeito na repetição do gozo e impedi-lo de avançar na travessia do saber-fazer com o próprio inconsciente.

3. ENSAIAR-SE

“Somente dela mesma se pode aprender
como falar sobre ela. E de quantas mais se
aprender, tanto melhor.”

(KIERKEGAARD, 1988, p. 71)

Apresentamos, na sequência, o campo de estudo dessa pesquisa, o Projeto Gradiva. O Projeto Gradiva constitui-se como espaço de atendimento clínico psicanalítico gratuito a todas aquelas que se identificam como mulheres e que estejam em sofrimento psíquico devido a situações de violência. Surgindo a partir de um grupo de estudos temático intitulado “A clínica do feminino: o mal-estar na feminilidade”, que é parte do quadro de ensino da Associação

Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), o Gradiva conta com uma equipe clínica composta por 13 psicanalistas, na qual a pesquisadora está inserida desde novembro de 2020, e uma equipe interdisciplinar composta por duas advogadas, uma ginecologista, um fisioterapeuta, uma assistente social e uma professora de história e inglês. Embora seja aberto à comunidade, o Gradiva desenvolveu parcerias de encaminhamento com instituições que se ocupam do tema da violência contra a mulher, como a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM)¹, o projeto “Clínica feminista na perspectiva da interseccionalidade”², parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) e a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS (CAP), o Ministério Público do Rio Grande do Sul³, o programa de teleatendimento da Rede Virtual de Aprendizagem em Saúde Coletiva (ReviraSaúde)⁴, entre outras. No momento, cerca de 50 mulheres estão em atendimento individual. Recentemente, a partir do aumento na equipe, foi possível ampliar o atendimento aos filhos e filhas das pacientes, devido a sua exposição às cenas de violência sofridas pelas mães, que também lhes causa efeitos traumáticos. (GRADIVA, 2020).

Também faz parte das práticas clínicas do Gradiva a realização de grupos de palavra, buscando a construção de espaços coletivos de narrativa a fim de romper o silenciamento devido à violência e ao trauma. Oferece-se, também, um grupo de formação de leitoras, que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento do prazer do texto literário. No que se refere à atuação na pólis, o Gradiva atua junto a equipes e profissionais de saúde, visando uma reflexão em conjunto sobre o problema da violência contra as mulheres, bem como propõe espaços como rodas de conversa e *lives* para ampliar a discussão dessa temática na sociedade. (GRADIVA, 2020).

A escolha de realizar a pesquisa junto ao Projeto Gradiva se dá a partir do entendimento de que, por ser um espaço de tratamento psicanalítico gratuito,

¹ <https://www.tjrs.jus.br/novo/violencia-domestica/enderecos/delegacias-especializadas-de-atendimento-a-mulher/>

² <https://www.facebook.com/clinicafeministaufrgs>

³ <https://www.mprs.mp.br/legislacao/provimentos/14814/>

⁴ <https://www.revirasaude.org/>

acolhendo, assim, quem pode desejar em vez de quem pode pagar, o trabalho realizado pelo Gradiva também potencializa formas de subversão da lógica fálica capitalista, onde o desejo é o que viabiliza o tratamento. As mulheres atendidas, todas sem condições financeiras de custear um tratamento pago, muitas delas negras e periféricas, habitam o lugar de resto no capitalismo tardio, e sua escuta denuncia o sofrimento causado pela imposição contemporânea de ocupar um lugar fálico, reconhecidamente de valor – o que, muitas vezes, culmina na repetição do trauma e retorno ao agressor.

No que se refere ao método, esta pesquisa tem caráter qualitativo e exploratório, partindo da análise das produções discursivas de mulheres acolhidas pelo Projeto Gradiva. Para esse fim, será organizado um grupo de de palavra sobre o ser mulher na atualidade, concordando com Boas, Braga e Chatelard (2013) que “a dinâmica do trabalho em grupo fornece novos meios de acesso à realidade psíquica”. Em meio ao emaranhado heterogêneo de subjetividades no trabalho em grupos, a singularidade do sujeito pode advir. (SATO; MARTINS; GUEDES; ROSA, 2017) O trabalho com grupos de discussão entre mulheres em situação de violência se apresenta como via de intervenção no sofrimento, pois

se consideramos o grupo como dispositivo potente e privilegiado para trabalhar as questões e efeitos para os sujeitos que vivenciam situações sociais críticas, é justamente pela possibilidade de fazer laço, de alçar como questão do humano as situações vivenciadas por alguns e pela possibilidade de, diante do mal-estar e do que segrega, subverter e recriar formas de estar juntos e se reconhecer (SATO; MARTINS; GUEDES; ROSA, 2017).

Pensamos, assim, na escuta do coletivo como forma de circulação da palavra, visando o deslocamento das angústias, associações e fantasias entre as mulheres participantes (BOAS; BRAGA; CHATELARD, 2013). Tais participantes foram localizadas em São Paulo, cidade onde reside a pesquisadora, seguindo os critérios estabelecidos pelo Gradiva: estar em

sofrimento psíquico devido à situação de violência e não ter condições financeiras para buscar um tratamento privado.

O grupo que será proposto é inspirado nos grupos terapêuticos de palavra que já acontecem no Projeto Gradiva desde 2019. No Gradiva, o grupo é composto por mulheres que estejam dentro do recorte supracitado e, geralmente, com duas psicanalistas integrantes da equipe clínica. A cada encontro, disparadores da fala são utilizados como recurso terapêutico, tal como a leitura de poesias e a utilização de um dado com palavras como “afeto”, “medo”, “empatia” etc. Esses disparadores são utilizados no intuito de incitar a fala, sem um objetivo de investigação *a priori*. Assim como na investigação clínica, é preciso despir-se da escuta cerceada por conceitos teóricos específicos – dessa maneira, a ideia do grupo proposto nessa pesquisa foi que as mulheres falassem livremente. Permitindo, assim, que – a partir de suas falas, no só-depois -, emergissem significantes para representá-lo, tendo em vista a pergunta que se mantém; como escreve Cossi (2020), “o que, para além dos enunciados, deve ser escutado na fala feminina que revelaria com mais concisão sua especificidade?”

Na clínica com mulheres em situação de violência, fica evidente o isolamento que essas mulheres enfrentam. Primeiro porque faz parte do ciclo da violência a persuasão de que se afastem de sua rede de apoio, como familiares e amigos/as, mas também porque, muitas vezes, a mulher experimenta sentimentos como vergonha, culpa e desesperança, o que pode culminar em um afastamento gradual dos laços e no estreitamento do laço com o agressor, que acaba por reforçar a situação de violência. Devido a isso, estar em grupo, escutando outras mulheres com histórias, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes pode inaugurar um espaço de outra ordem, que aspira romper o ciclo de violência.

Como forma de registro dos encontros, foi proposto que as mulheres participantes se alternassem na função de cronistas, ou seja, no lugar de produzir escritos a partir do que é falado no grupo. Segundo Broide e Broide (2019),

A crônica é o primeiro material bruto advindo dos grupos. O cronista [...] faz um relato escrito, em que registra suas impressões, reflexões, sensações acerca dos acontecimentos ocorridos nos grupos. Dizemos que a crônica expressa a transferência do cronista com o "acontecer grupal", ou que ela capta o material mais profundo do grupo, que muitas vezes escapa ao olhar do coordenador. O material da crônica é como um diamante bruto que vai sendo lapidado em sucessivas fases [...] para posteriormente ser utilizado nos relatórios parciais e no relatório final.

Ou seja, ocupando o lugar de cronista, as mulheres podem se experimentar na posição de narradoras do encontro, tendo a possibilidade de contar sobre esse encontro e, assim, assumir uma posição de sujeito frente à própria história, que também acontece ali. Sabemos que a sociedade e as instituições acabam, recorrentemente, por tentar silenciar as mulheres que buscam denunciar as violências que sofrem, deslegitimando sua narrativa. O lugar de narradora da própria história a um/a outro/a que o reconhece como tal vai na lógica contrária da repetição da violência.

Reconhecemos, assim, grande potência no método de cronistas. A cronista se encarrega de registrar o acontecer grupal, como nomeiam Broide e Broide (2019), a partir de seu ponto de vista. Como Rivera (2019) muito bem aponta, é preciso fabricar a entrada do ponto de vista da menina, ou melhor, do não-menino, visto que o menino/homem/sujeito masculino parece sempre portar o "falo da fala" (KEHL, 2008, p. 266).

Devido ao recorte econômico e de classe previsto para o grupo, era possível nos depararmos, porventura, com mulheres não alfabetizadas ou com dificuldades com a escrita. Nesse caso, seria disponibilizado o material necessário para outro método de registro como, por exemplo, um gravador para que a participante grave seus comentários. Ainda enquanto projeto de pesquisa, já estava previsto que os encontros também seriam registrados em um diário de campo, através do qual a pesquisadora relata suas próprias impressões, associações e afetações produzidas no acontecer grupal.

Apesar de a literatura (BROIDE; BROIDE, 2019; MIRANDA ET AL, 2011) defender que a cronista se mantém silenciosa, abstendo-se de falar no grupo, parece pertinente poder oferecer às mulheres, no contexto desta pesquisa, a possibilidade de fala junto à escrita, por entendermos o simbólico que circula ao falar. Segundo Miranda et al (2011), a escrita oferece um pertencer ao sujeito, uma forma de deslizar na cadeia significante e associar livremente no papel. Frente a isso, não se buscará, com as crônicas, o registro fidedigno e exato, mas o “resto” produzido no encontro, que não se dá fora do enlace transferencial. (MIRANDA ET AL, 2011).

Como forma de se atentar às repetições significantes e promover um fio narrativo, será proposta a leitura do material escrito no encontro anterior no início de cada encontro. Para Miranda et al (2011)

A leitura de todos estes registros produzidos, como experiência de alteridade, tem a função de reordenar os significantes, propondo um rearranjo da cadeia associativa e uma reelaboração do conteúdo. Após a escrita da crônica, o ato de ler causa um estranhamento e produz reflexões.

Pensamos, assim, no potente efeito das mulheres se lerem, lerem o que contam e escrevem. No efeito de reconhecer-se no lugar de quem pode narrar. Buscamos, assim, movimentar transferências e resistências, fazer circular a palavra e promover um espaço mais das próprias mulheres do que da pesquisadora, atualizando e transformando a relação entre pesquisadora e objeto de pesquisa.

Partindo dessa proposta, o método utilizado nessa pesquisa foi o ensaio escrito. O ensaio permite que a escrita se crie em si mesma, ensaie-se, experimentando-se como antidogmática e baseada na contingência. Ao se situar na própria subjetividade, transforma-se em um “lugar no qual a subjetividade ensaia a si mesma, experimenta a si mesma, em relação à sua própria exterioridade, àquilo que lhe é estranho”. (LARROSA, 2004).

Concordamos com Caon (1994) que o pesquisador ou a pesquisadora em psicanálise se posiciona como alteridade, como a posição de analista. Ao se

deparar com os furos de uma narrativa sobre certo fenômeno, a psicanálise apresenta, como possibilidade, o enigma. Dessa forma, a utilização do método do ensaio permite que a pesquisadora também ensaie seu próprio pesquisar. Se inventamos a metapsicologia com cada analisante, o ensaio parece trazer a abertura necessária para que o pesquisar se invente a cada tema, a cada contexto de pesquisa. (CAON, 1994).

Para Rosa (2015), trata-se de uma proposta de inversão na forma de pesquisar. Em psicanálise, o saber não está do lado de quem investiga, mas sim do objeto de pesquisa. Essa inversão reconhece o potente lugar narrativo da população pesquisada – no contexto dessa pesquisa, as mulheres em situação de violência. A autora propõe o conceito de desamparo discursivo, ou seja, o silenciamento imposto a certas camadas da sociedade – nomeadas, por vezes, identitárias – que se encontram enclausuradas no silenciamento de seu sofrimento psíquico e sociopolítico. (ROSA; BINKOWSKI, 2022). A inversão proposta, nesse sentido, pode ter efeitos potentes, ao legitimar o direito de fala a quem se encontra desamparada discursivamente. No caso das mulheres em situação de violência, pode ser inaugural o encontro de um espaço que se propõe a inverter, ou melhor, subverter a repetida lógica da violência. Para que essa pesquisa não reproduza essa lógica, buscaremos produzir o objeto pesquisado durante o próprio percurso, sem determiná-lo *a priori* (ROSA, 2015), dando, assim, espaço para a emergência do desejo e das subjetividades.

Se o ensaio se preocupa em eternizar o transitório sem chegar a conclusões ou interpretações fechadas, como nos ensina Adorno (2003), podemos entrever que se apresenta como um método de pesquisa advertido da falta, da impossibilidade de completude do saber, da própria castração. Nossa aposta, por conseguinte, é que o método ensaístico também se aproxime de possibilidades de subversão da lógica fálica, lógica essa que sustenta grande parte da metodologia científica. Citamos, assim, Larrosa (2004), que defende que “o ensaio é, também, olhar a existência a partir dos possíveis, ensaiar novas possibilidades de vida”, como busca desdobrar nosso tema de pesquisa.

O material analisado dessa pesquisa foi coletado a partir da escuta do grupo descrito acima e das crônicas produzidas, atentando-se às formações do inconsciente. Os deslizos, lapsos e repetições significantes, por exemplo,

apontam ao para-além do sentido manifesto, o que foi priorizado nessa pesquisa. Devido a isso, no que tange aos aspectos éticos, o projeto dessa pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Doravante a produção narrativa e escrita – através das crônicas – do grupo, foi prevista a produção de ensaios psicanalíticos que abordem as questões dos femininos e de subversão da lógica fálica dentro do recorte subjetivo das mulheres participantes bem como os impactos transferenciais sentidos pela pesquisadora. Como em um processo de análise, foi utilizado o recurso do tempo lógico, que nos impediu de, inicialmente, determinar o número de encontros, a frequência e seu tempo de duração.

4. MÉTODO A *POSTERIORI*: O GRUPO

"Eu me amo, minha filha. Não quero esconder nada."
(frase proferida por uma das mulheres durante o grupo)

Como descrito na seção metodológica desta dissertação, o grupo de palavra para mulheres desenvolvido nesta pesquisa aconteceu presencialmente em uma sala do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo de forma quinzenal. Ao longo dos cinco encontros, foram produzidas crônicas como forma de registrar cada encontro, através das quais as mulheres foram convidadas a narrá-lo da forma que quisessem, em associação livre. As crônicas, que podem ser encontradas no Anexo B, somadas aos registros da pesquisadora, foram utilizadas para a produção da presente seção.

Constituir o grupo de palavra não foi uma tarefa fácil. Frente à baixa adesão nos primeiros meses de divulgação, por (muitas) vezes me perguntei se ele, de fato, aconteceria. Empenhei-me em uma divulgação ferrenha, que decantava, com o passar das semanas, uma crescente angústia devido à não chegada de mulheres interessadas em participar. Por muito tempo, havia apenas duas. Um grupo pode se constituir com apenas duas participantes mais uma coordenadora? Eu perguntava a mim mesma, ao assistir ao tempo previsto para

um mestrado acadêmico passar. Sabemos que o chamado *grupo para mulheres em situação de violência* nomeia, de partida, algo sobre essas mulheres. Chegar em um grupo como esse significa reconhecer que se está em uma situação violenta. Um chamado assim, muitas vezes, assusta.

Isso somou-se ao fato de eu ser estrangeira à cidade de São Paulo, local onde o grupo aconteceu. Recém chegada de Porto Alegre, apesar do meu empenho em me aproximar de outras instituições e projetos que atendem mulheres desde antes de me mudar, eu percebia a dificuldade de penetração nas redes de transferências de trabalho em uma cidade tão ocupada demograficamente. Mesmo assim, por que as mulheres não chegavam?

Alguns meses após o início da divulgação do grupo, vivi uma situação de violência como nunca antes. Nós, mulheres, passamos por situações violentas diariamente, mas essa em específico me levou para um processo judicial ainda não finalizado, envolvendo idas à delegacia, abertura de boletim de ocorrência, perícia no IML. Passar por esse duro processo me fez decidir que o grupo aconteceria de qualquer forma. Com o número de mulheres que fosse possível. Se havia duas, seríamos três, comigo. Logo após essa decisão, coincidentemente ou não, chegaram mais três mulheres. Agora, éramos seis.

Fui egoísta com este espaço aqui, não quis chamar mais ninguém para participar.

Essa frase, proferida por uma das mulheres logo no primeiro encontro, talvez dê notícias sobre a complexidade de formar esse grupo. Contudo, ele inicia – mesmo que com dois meses de atraso. Inicia composto por três mulheres que viriam quinzenalmente (ou seja, poderiam comparecer a todos os encontros) e mais duas, cooperadas de uma cooperativa de catadoras de resíduos sólidos, que se revezariam para estar nos encontros. Isso se deu devido às condições de trabalho das catadoras: para não serem descontadas pelas horas em que estariam no grupo e não trabalhando, não poderiam estar presentes em mais de um encontro.

Essa situação já começa a denunciar as diferentes realidades das mulheres participantes. As mulheres catadoras eram as que tinham a pele mais

retinta; além disso, eram as únicas analfabetas ou com a escolaridade mais baixa. As outras três, que podiam comparecer assiduamente ao grupo, dividiram-se entre duas mulheres brancas e uma negra de pele clara, que vinha muito recentemente se descobrindo negra e se autodeclarando como tal, apesar de já ter mais de 50 anos. Todas as mulheres eram cisgênero – elemento que se desdobra como muito mais do que uma mera coincidência, assim como a correlação entre cor da pele e escolaridade.

Em seu texto *Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher*, Lélia Gonzalez (2020) comenta sobre a situação da mulher negra no Brasil a partir do que ela chama de seus "indicadores sociais básicos" (2020, p. 40). Ela discorre sobre os dados levantados pelo Censo demográfico brasileiro, que apontam a uma alta taxa de analfabetismo entre a população negra – o dobro em comparação com a população branca. Os dados, segundo ela, demonstram que "o nível de educação [entre mulheres negras é] muito baixo (a escolaridade atingindo, no máximo, o segundo ano primário ou o primeiro grau), sendo o analfabetismo o fator dominante" (GONZÁLEZ, 2020, p. 56) e ilustram a desigualdade educacional baseada na raça existente na sociedade brasileira. Ela também discorre sobre a divisão sexual e racial do trabalho que, ao colocar a mulher negra na base da pirâmide como quem mais sofre em termos de vulnerabilidade e falta de acesso, projeta sobre ela o que Lélia chama de "tríplice discriminação" (2020, p. 56), permeada pelas dimensões de raça, classe e gênero, precarizando seu lugar na força de trabalho.

Sofri racismo da minha própria sogra.

No primeiro encontro, pedi para que, ao se apresentarem umas às outras, as participantes escolhessem uma mulher que admiram. Os nomes utilizados nesta dissertação para cada participante serão baseados nessa escolha, inspirando-nos na dissertação de mestrado da psicóloga guarani Geni Nuñez⁵ (LONGHINI, 2018). Proponho-me, a fim de contextualizar o lugar de fala histórico, social e subjetivo de cada uma delas, apresenta-las brevemente.

⁵ Dissertação na qual Nuñez entrevistou mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais a fim de investigar a categoria "armário" na relação dessas mulheres com suas famílias.

Damares é uma mulher negra de pele retinta, analfabeta, catadora de resíduos sólidos, com pouco menos de 40 anos. Chegou acompanhada de uma funcionária da cooperativa, pois como não sabe ler, não consegue pegar ônibus ou metrô para lugares desconhecidos. Chegou mostrando sua identidade, detonada pelo uso, mas guardada com muito afinco em uma pequena bolsa que só a continha, além de um celular "flip", antigo e precário. Contou-nos que fazia poucos anos que adquirira um documento de identidade. Refere-se à ex-ministra Damares Alves como uma mulher que admira, pois, segundo ela, sente-se tocada pelo seu louvor e seus cantos religiosos. Relata diversos episódios de violência psicológica e física por parte do ex-companheiro, além de uma vida toda sofrendo racismo, discriminação e aporofobia - inclusive por parte da família.

Agora estou aprendendo a me amar. Nunca tive amigas, casei com 13 anos.

Hoje em dia, tenho a Maria, que é minha melhor amiga.

Maria, uma jovem de menos de 30 anos, também da cooperativa. Chamada por Damares de "sua melhor amiga". Autodeclarada negra e com o ensino médio completo. Nomeada, aqui, Maria em referência a sua avó, citada por ela como uma mulher que admira. Conta cenas de um universo mais jovem, como, por exemplo, como meninos não entendem quando ela ou suas amigas não querem "ficar" com eles. Segundo ela, é difícil para eles aceitar um "não".

Até tomar álcool já fiz pra agradar, coisa que eu não gosto. Todo mundo fica

oferecendo, a gente bebe pra não ser chata.

Bebo pra não desagradar - mas, assim, me desagrado.

Antônia, também nomeada a partir de uma mulher de sua família: sua tia, que, segundo ela, salvou-a de sua mãe aos 2 anos de idade. Antônia relata uma tentativa, por parte da mãe, de matar a própria filha. Sua tia a acolheu para que pudesse viver. Antônia tem entre 50 e 60 anos e iniciou há pouco, como já comentado aqui, a jornada de tornar-se negra. Além disso, participa de alguns grupos de letramento racial e "empoderamento feminino", como ela chama. Está

em um relacionamento abusivo há décadas e sente muita dificuldade em se separar. Relata sofrer violência também do filho, através de seus comentários misóginos e de subjugação das mulheres. Tem curso superior e coordena um projeto social que atua junto a empregadas domésticas.

Se ninguém tivesse me dito que isso é um relacionamento abusivo, talvez eu estivesse até hoje sofrendo.

Malala, referida assim devido à luta por direitos básicos às mulheres - "como educação" (sic) - da ativista paquistanesa Malala Yousafzai, escolhida por essa participante como uma mulher que admira, é uma mulher branca de 35 anos, desempregada após muitos anos trabalhando em uma fábrica de plásticos, durante os quais sofreu assédio moral e sexual, agravados pelo fato de ser uma das apenas três mulheres que trabalhavam na fábrica, junto a 50 homens. Relata dificuldade em reingressar no mercado de trabalho, apesar de ter curso superior completo. Chega ao grupo por convite de Antônio, sua amiga.

Me chamavam de sapatão por eu não ter interesse neles.

Carmen, uma mulher branca com pouco mais de 40 anos, escolhe sua mãe como uma mulher que admira. Segundo ela, as duas nunca tiveram uma relação boa, mas após sua morte, passou a admirá-la. Carmen trabalha na região metropolitana de São Paulo, o que faz com que leve quase três horas até a USP, local dos encontros. Ao passar do tempo, Carmen foi contando mais sobre a relação abusiva que mantém com o atual companheiro, da qual – assim como Antônio – sente-se impossibilitada de sair.

É uma luta todos os dias.

Ana, também nomeada aqui a partir da mãe, é uma mulher negra de pele retinta que é analfabeta e também trabalha como catadora. Chega acompanhada de sua nora, uma jovem negra de pouco mais de 20 anos com

aparentes dificuldades de linguagem, a qual era difícil entender. Ana conta cenas de racismo dentro da família, além de uma vida permeada por grande vulnerabilidade socioeconômica. Em algum momento, Ana e a nora começam a discutir conflitos da própria relação, que tem, como pivô, o filho de Ana e marido da nora presente.

Um dia tive que me defender do meu ex-marido com uma tesoura. Me separei pra não matá-lo.

A partir de agora, após as apresentações, recortes dos encontros serão elencados, porém sem especificar cada interlocutora. Acreditamos que, apesar de muitas nuances que diferenciam cada história e a tornam única, existe uma experiência comum entre mulheres, que são atravessadas por violências de gênero desde antes de nascer. O machismo estrutural mistura as histórias das mulheres, retirando-as da própria subjetividade ao replicar cenas de violência e misoginia comuns a todas. Sabemos que, a isso, somam-se outras camadas, determinadas, por sua vez, pelos marcadores de raça e classe, por exemplo. Apesar disso, a violência se presentifica na vida de qualquer mulher pelo simples fato de ser uma mulher. Dessa forma, as frases aqui apresentadas não serão nomeadas, pois não pertencem a apenas um nome. São frases repetidas por muitas Marias, Damares, Antônias, Malalas, Carmens e Anas. São frases impressas em qualquer nome de mulher.

No primeiro encontro, muitas se atrasam, todas relatam grande dificuldade de chegar até a USP e encontrar o Instituto de Psicologia, local da sala onde eu as aguardava. No dia anterior, no grupo de WhatsApp criado com todas as participantes, passei orientações quanto a que ônibus pegar e ao nome da parada na qual descer. Mesmo assim, todas tiveram dificuldade em acessar a USP e demoraram entre 2 e 3 horas para conseguir chegar até a sala marcada. Para conseguir chegar até lá, uma das participantes relatou ter pego trem, metrô, ônibus e Uber apenas no trajeto de ida, tendo que repetir essa sequência no trajeto de volta. Dessa forma, começamos com 40 minutos de atraso, até termos quórum suficiente.

Quando a gente encontra um lugar pra ser a gente mesma, parece uma mágica.

O grupo inicia de forma muito potente e emocionante. As mulheres se apresentam e começam a contar suas histórias. Tecem comentários acerca da história da outra, reconhecem-se nelas. Agradecem muito a oportunidade de estar ali. Antônia pede para "montar a mesa" a partir do que trouxe: biscoitos, que se somam aos pães de queijo e ao café que eu levei em todos os encontros, chá gelado de capim-cidró para, segundo ela, acalmar e facilitar o processo de falar sobre temas tão duros e uma impressão do *card* de divulgação da pesquisa com o chamado para a participação no grupo editado por ela, com duas imagens sobrepostas: uma com a palavra "obrigada" em diversos idiomas e outra que represente mulheres conversando, encontrada no Anexo C.

Eu pedi a Deus um jeito de me curar disso tudo e Ele me mandou este grupo.

As mulheres se apresentam, contando do porquê de estarem ali, em um grupo para mulheres em situação de violência e vulnerabilidade socioeconômica. Passam a comentar a história da outra, expressar suas opiniões e interjeições. O material separado por mim como forma de disparar a discussão, um conto do livro *A língua da Medusa*, da escritora gaúcha Gabriela Leal, intitulado *A mulher adúltera*, quase ficou de fora do encontro. As falas dispararam sem grande estímulo de minha parte – e, como havíamos começado mais tarde do que o planejado, o tempo encurtou. As mulheres pediram mais tempo, o que fez com que passássemos cerca de meia hora do horário previsto para acabar. Mesmo assim, acabei seguindo com a proposta de que lêssemos o conto. Li em voz alta esse interessante conto que revela a cena do velório de uma mulher adúltera - esse significativo pejorativo que significa, no social, a renúncia a um lugar de pureza e fidelidade religiosamente designado às mulheres – mas que também traiu a si mesma em diversos momentos de sua vida por não lutar contra os lugares que, segundo o patriarcado, cabem a uma mulher: mãe, esposa fiel, cuidadora do lar. Leio o conto em voz alta a um silêncio absoluto na sala.

As mulheres estão sempre colocando os interesses dos outros acima dos delas, por isso são chamadas de "cuidadoras".

A frase acima, associada a partir do conto lido, faz-me pensar em uma fala da culinarista Bela Gil, quando afirma, no podcast *Ilustríssima Conversa* (2023), que "trabalho doméstico sem salário não é amor, é escravidão".

O homem também deveria ter esse papel de cuidador. Por que são tão violentos pra cima da mulher?

Nas histórias dessas mulheres, os homens ocupam lugares não só de falta de cuidado, mas de violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A cartilha completa da Lei Maria da Penha. Frases degradantes, tão comuns em relações abusivas, minam a forma como essas mulheres passaram a enxergar a si mesmas. Elas relatam escutar comentários acerca de suas características físicas ou de seu lugar (depreciado) em casa e na sociedade.

Tenho medo do espelho, até hoje não consigo me olhar. Meu ex-marido sempre disse que eu era feia; que, se eu me separasse dele, ficaria sozinha porque ninguém mais ia me querer.

Ah, isso aí é algo em que eu preciso pensar porque ainda não consigo ver meu valor. Eu já tô bem melhor, já consigo me olhar no espelho, coisa que eu não conseguia antes...

Interessante pensar no significante "espelho" aqui apresentado na fala de duas participantes diferentes. O sujeito do inconsciente se constitui a partir da própria imagem refletida no olhar e na voz do grande Outro. A essa imagem, será atribuída a dimensão simbólica de valor. O grande Outro, tesouro dos significantes, apresenta ao sujeito os ditos que lhe conferem um lugar de existência subjetiva, bem como sua posição discursiva na relação com o outro e

no social. Dessa forma, o olhar organiza e unifica esse corpo, constituindo, assim, o eu. (BIRMAN, 1999)

O espelho da cultura patriarcal que nos precede e nos sucede reflete a nós, mulheres, uma imagem balizada por seus ideais violentos, atribuída de valor apenas se ao lado de um homem, de preferência forte e viril, e portando um corpo passível de ser desejado sexualmente, "feminino" e sensual. Podemos pensar na dimensão estética como mais uma faceta da violência contra a mulher. Como é possível construir novas formas de ver-se quando o ideal do espelho é inalcançável? É árduo o trabalho do sujeito para refazer-se a partir de novos significantes a dizer sobre si, rompendo com o lugar que, de forma histórica, fora repetidamente positivado e oferecido pelo grande Outro da cultura.

Esses tempos ouvi um pastor falando que as feministas não querem mais cuidar das casas, fazer comida e cuidar dos seus maridos...

Porém, essa pesquisa visa se somar às numerosas frentes de luta e resistência feministas para que mais mulheres possam romper com o lugar violento que lhes foi conferido e inventar novos lugares subjetivos para si. O Projeto Gradiva nasce com essa finalidade, sendo essa pesquisa apenas um de seus braços de intervenção. Estar com outras mulheres, trocando, compartilhando, ouvindo, falando, sentindo tem efeitos nesse sentido. O estar em grupo, proposto por essa pesquisa, parte dessa aposta e justifica-se em sua potência, se pensarmos no isolamento produzido pela violência de gênero. Como nos ensina a antropóloga Débora Diniz (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 245), "não há feminista solitária, andamos sempre em bando, pois precisamos uma das outras para criar o que ainda não foi pronunciável."

Alguém mais vai pegar o ônibus para o metrô? Vamos juntas então.

A frase acima foi pronunciada ao final do primeiro encontro do grupo. Na primeira vez que essas mulheres se viram, reconheceram-se, conheceram-se, já contavam umas com as outras. Essa é a beleza do encontro que se produziu

entre esse grupo de mulheres, exprimida por um alargamento de rede, que transmite a mensagem de que não estamos sozinhas (apesar do que diz o agressor).

Encontrei anjos aqui.

O feminismo é bando, é rede de apoio. É lugar de reconhecimento.

Não sei se é porque eu tô lendo muito sobre isso, mas tenho escutado cada vez mais frases machistas.

Falas como a citada acima revelam um lugar novo que é cavado, construído psiquicamente. Porém, como sujeitos da cultura do nosso tempo, que nos bombardeia com imperativos perversos de meritocracia, ainda somos reprodutoras das estruturas discursivas que nos causam grande sofrimento. Em vários momentos no grupo, apareceram dizeres que demonstram uma busca por "superação" da situação de violência, a partir de uma "lição" a ser tirada, como se o sofrimento legitimasse uma existência digna e promovesse certa "evolução" pessoal. Como se algo de bom pudesse ser tirado de uma relação ou situação violenta.

Algumas coisas que acontecem na minha vida me ajudam a ser melhor.

"Como o quê?", pergunto, ao que recebo como resposta:

Como entrar num relacionamento abusivo. Fico pensando: que lição posso tirar disso?

Elas seguem:

Eu vejo como uma luta: por que eu preciso passar por isso? Ainda não entendi...

Pergunto se elas precisam, de fato, passar por isso. Elas se perguntam; dizem não saber, pensam que talvez sim, mas que não têm certeza. A dúvida, diferentemente da certeza, abre espaço para novos questionamentos. Como em um trabalho analítico, contento-me com esse efeito por ora.

Se eu entrei nisso, consigo sair.

Ao final do primeiro encontro, as mulheres pedem para que tiremos uma foto. Olhar essa foto, agora, me lança novamente à preciosidade dos encontros. Mulheres que mal se conheciam já pareciam partilhar algo de íntimo. Após as fotos, uma das mulheres da cooperativa de resíduos sólidos que, então, não poderia voltar ao grupo devido ao esquema de revezamento relatado acima, fala algo que, por si só, já sustentaria o tema desta pesquisa. Esquema, este, elaborado por parte da liderança da cooperativa para "permitir" que as interessadas no grupo pudessem comparecer, mas apenas uma vez, a fim de não terem, em seu pagamento, o turno descontado. Antes de se despedir, ela anuncia:

Podem me descontar. Eu não tô nem aí. Eu venho no próximo encontro.

A proposição desta pesquisa sustenta que os femininos – no plural, como já explorado no segundo capítulo – podem nos levar a outras lógicas, outras gramáticas e formas de habitar o laço social. Mesmo presa aos imperativos do discurso capitalista, soberano em nosso tempo, essa mulher dá notícias de que há outras coisas – outros "bens" – que agregam valor, para além do capital. É evidente que ela se encontra completamente atravessada por fatores da realidade que dependem de seu pagamento mensal. Comida, água, luz, gás, material escolar para os filhos, necessidades básicas que deveriam ser tratados como direitos de qualquer ser humano, mas que uma vez transformados em joguetes do mestre capital perverso, escasseiam. Porém, elas acusam que há algo a mais, como aponta Lacan, ao referir-se ao lado feminino das fórmulas da sexuação. (LACAN, 1972-1973).

Algo semelhante aparece em outro momento. Uma das participantes solicita uma declaração de comparecimento a cada encontro para apresentar no trabalho, a fim de justificar seu atraso de cerca de 30 minutos. A declaração não é aceita no local de trabalho, com a alegação de que a atividade não é uma consulta terapêutica ou psicológica, portanto não valeria como justificativa para ausência ou atraso. Inicialmente me coloco disponível para tentar pensar se haveria algo a mais que eu pudesse fazer nesse sentido, sem deixar de colocar que, na verdade, nosso encontro era, efetivamente, terapêutico. Encorajada pelas outras mulheres, ela começa a imaginar e brincar (na dimensão psíquica dessas palavras) que chegaria de fininho, sem fazer barulho, para que ninguém percebesse seu atraso. Afinal, segundo ela, meia hora de atraso nem é tão grave assim.

A gente tem que se fortalecer porque eu não posso mais ficar nesse lugar de aceitar tudo.

Diferentemente do que a lógica capitalista instaura, existem outros objetos de valor para essas mulheres. O valor de uso, conceito central na teoria marxista, parece ter outros significados possíveis quando enunciados por uma mulher. Porém, se a partir de Gayle Rubin (1975) sabemos que o sistema capitalista instrumentaliza a mulher como objeto de troca, podemos dimensionar o esforço psíquico despendido na tentativa de esburacar essa lógica, na busca de transformar "valor" em um significante que, como tal, possa deslizar metonimicamente pela cadeia, sem perder a potência da dimensão metafórica

Em certo encontro, algo me leva, em associação, a trazer a palestra-performance *Descolonizando o conhecimento* da pensadora Grada Kilomba⁶, mais especificamente a parte onde ela solicita que a plateia comece a falar enquanto ela segue lendo seu texto. Prontamente, um barulho de falas se instala e Grada deixa de ser escutada – sua voz é abafada pelas vozes da plateia.

As pessoas não nos escutam. É por isso que a mulher não fala pra ninguém e acaba morrendo.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs&t=921s>

Grada, então, retoma a palavra – ou, na verdade, recebe-a de volta, com base na lógica de que falar é uma relação dialética – e nos explica sua intervenção. As mulheres, ela diz, estão falando há milhares de anos. Os corpos colonizados nunca deixaram de lutar para que suas vozes fossem ouvidas, mas a máquina colonial destitui o/a colonizado/a de sua condição de sujeito falante, como ilustra a triste imagem de Anastácia. (KILOMBA, 2019).

Não é que a gente não queira falar disso, é que não temos pra quem falar.

No encontro seguinte, uma das mulheres pede: "Lívia, fala de novo aquilo que você falou? Sobre aquela mulher que pediu pras pessoas falarem enquanto ela falava...". Eu falo de novo. Como na infância, quando a criança pede que se conte de novo, buscando a repetição como forma de assimilar o mundo ao seu redor. Um novo mundo, quiçá, abre-se para essa mulher. E ela quer ouvir sobre ele de novo.

Eu quero pesquisar sobre ela. Nem as outras mulheres nos escutam, dizem que é "mimimi".

A participante, então, anota o nome de Grada Kilomba e me solicita que eu envie o link para que ela assista ao vídeo da performance mais tarde.

A gente fica doente se não fala.

Escutar essas mulheres me transforma. Nem sempre é fácil lidar com o que se escuta, são histórias tristes e assustadoras que ilustram a realidade de uma mulher no Brasil atual. Muitas vezes são histórias que quase me tiram do eixo, que me dão vontade de chorar junto com elas ou de me colar na ou atuar a raiva que me percebo sentindo.

Eu olho pros homens e fico repugnada. O que vejo na internet, casos de feminicídio... Fico muito triste.

Ficamos todas repugnadas e tristes, para dizer o mínimo. A escritora Patrícia Melo, põe palavras possíveis na fonte desses sentimentos. Ela escreve:

Nós, mulheres, morremos como moscas. Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam. Querem diversão e nos matam. Descubrem nossos amantes e nos matam. São abandonados e nos matam. Arranjam uma amante e nos matam. São humilhados e nos matam. Voltam do trabalho cansados e nos matam". (MELO, 2019).

Por que os homens são tão violentos, Livia? Você pode me dizer?

Antes do segundo encontro, preparo algumas frases de mulheres feministas como um disparador da fala. Como se estabeleceu desde o início, os disparadores são quase desnecessários, visto que elas tinham muito a falar. Frases de Djamilia Ribeiro, Ryane Leão, Conceição Evaristo, Audre Lorde, Malala, Maya Angelou, Ruth Manus e Chimamanda Adichie. Frases com chamamentos simbólicos para luta feminista e antirracista e que propõem uma virada na narrativa do ser mulher, em sua dimensão política.

Imprimo e recorto as frases, com a proposta de que façamos uma rodada para cada uma pegar uma frase, lê-la em voz alta e associar a partir dela. Isso levou alguns encontros para acontecer: mais de uma vez, as mulheres falavam tanto, pegando o fio deixado pela outra, contando sobre suas experiências ao ouvir as das outras, dando conselhos umas às outras, que acabava não sobrando tempo para a dinâmica das frases. Um encontro a cada quinze dias parecia pouco tempo para falar sobre uma vida toda.

Tem coisas que eu suporto só porque penso "eu não tô aqui só me representando, tô representando todas as mulheres".

No penúltimo encontro, conseguimos chegar nas frases. Proponho o que havia pensado e começamos a dinâmica. Como parte do grupo, eu também participo da rodada, pegando uma frase quando chegava a minha vez e associando a partir dela. Ao final do encontro, uma das mulheres pergunta se é preciso devolver as frases recortadas.

A gente vai poder levar com a gente essas frases? Para poder pesquisar...

Momentos assim me fazem pensar que os efeitos de estar em grupo vão além do tempo dos encontros, além do tempo em que estamos fisicamente juntas em uma sala da Universidade. Parece-me que o "pesquisar", significante que se repete, fala da sede dessas mulheres por descobrir em si e nos outros novas formas de ser e se relacionar, com menos sofrimento.

Eu penso nisso todo dia. É o que eu mais penso.

Não à toa, em nosso último encontro, as mulheres verbalizam seu desejo de seguir com o grupo. Pedem para que ele siga acontecendo em 2024. Também verbalizam a vontade de combinar um piquenique entre todas nós. Para seguirmos juntas, falando e ouvindo.

Se escutar começa consigo mesma.

Houve outros momentos, como esse, que me fizeram pensar na afirmação simbólica de estar em grupo, notadamente quando me foi pedido, no último encontro, uma declaração de participação na pesquisa. Diferentemente do pedido já descrito aqui, de uma declaração para apresentar no trabalho, esse pedido era de outra natureza. A mulher que o vocalizou explicou que queria algo que declarasse sua participação nessa pesquisa para poder mandar em grupos de WhatsApp com outras mulheres, para mostrar a elas, orgulhosamente, o grupo do qual participou.

Mas o valor da mulher não está no que as outras pessoas estão pensando ou no que dizem. O valor da mulher tá no que a gente ensina.

Ainda sobre o que uma mulher ensina ou pode ensinar, em certo momento o grupo começa a falar sobre como, no lugar de mães, seria possível evitar que seus filhos sejam "machistas e violentos", como nomeiam. Uma das mulheres relata se sentir incomodada com a forma como o filho a trata, como se fosse sua empregada. Relatam uma relação de maior cumplicidade e afeto com as filhas meninas – ao passo que, com os meninos, encontram dificuldades e questionam sua própria postura. Questionam se devem fazer isso ou aquilo, se devem ser mais rígidas ou não. Trocam conselhos e sugestões. Uma delas se pergunta: como se livrar dessa repugnância aos homens? A partir de uma intervenção minha, passam a pensar que homem é esse que causa repugnância. Seriam todos iguais? Há diferença? Como buscar outro tipo de homem com quem se relacionar? Como criar seus filhos para que não sejam repugnantes às mulheres? Uma participante conta que já tentou convencer filho e marido a buscar um grupo de apoio para homens, para que possam ser “homens melhores”. Ela admite, com dor, que isso nunca aconteceu. Tampouco acredita que vai acontecer.

Estamos no passo de conscientizar a mulher. Tem que passar pela mulher porque parece que eles não querem ajuda.

Chama a atenção o fato de que suas falas não levam em consideração o lugar de um pai na criação de um filho homem, mesmo que se refiram a uma forma de criar atravessada pela intenção de construir um tipo diferente de homem, que não violento e misógino. É como se acreditassem que, como mães, são "dotadas de todas as qualidades para criar os filhos dos dois sexos" (BADINTER, 1992, p. 122). Como se, sobre a mãe, também recaísse o fardo de colocar homens agressores e feminicidas no mundo. Ou, então, que é

responsabilidade dela impedir que seu bebê do sexo masculino se torne violento com outras mulheres ao crescer.

Vamos ter que começar por nós mesmas [...]. Porque o homem... acho que ainda não caiu a ficha do que ele faz porque eles negam tudo o tempo todo!

Até hoje nunca vi nenhum falando "fiz mesmo, me desculpa".

Sabe-se que o patriarcado arquiteta o mal-estar atual a todos os sujeitos, não só aos que se reconhecem como mulheres. Dessa forma, não cabe apenas a nós, mulheres, a busca por modelos não-todo fálicos de habitar o laço social contemporâneo.

Nós não somos contra os homens, nós somos a favor das mulheres.

Em mais de um encontro, as mulheres abordam a diferença entre viver e sobreviver. Perguntam-se se estão vivendo ou apenas sobre-vivendo. Desde a leitura lacaniana de Antígona (1959-1960), sabemos que é possível morrer em vida e vice-versa. A morte simbólica não necessariamente encontra a orgânica. Estar nesse grupo – decidir participar dele, dedicar algumas horas do seu mês para atravessar a cidade (uma delas, inclusive, vindo de fora de São Paulo), contar suas histórias, escutar as histórias das outras mulheres, parece-me uma forma de afirmar-se em vida, em uma vida psíquica onde há sujeito desejante, que reconhece sua dor e deseja fazer algo com ela. Sem deixar-se cair como abjeto de um sócius muito implicado em devastar qualquer subjetividade fora da primazia fálica, notadamente dos corpos femininos.

Será que essa coisa toda que tá acontecendo comigo não é eu querendo viver de novo? Será que eu tô sentindo que tô morrendo?

Em meio ao andamento do grupo, passei por uma reviravolta na minha vida pessoal: me separei, saí de casa, perdi muitas coisas que significavam a minha estabilidade (em vários sentidos da palavra). Não foi uma decisão fácil, mas em diversos momentos pensei em várias das mulheres que conheço, cujas histórias me transformaram. As mulheres desse e de outros grupos de palavra, as mulheres atendidas pelo Projeto Gradiva, outras pacientes que fizeram parte de minha trajetória clínica, amigas e familiares. Lembrei-me da frase de uma paciente que atendi na época dos estágios obrigatórios, na faculdade, da qual nunca me esqueci e que reproduzo aqui, muitos anos depois. Ela dizia: "depois de me separar, lembro que eu abria a geladeira e ela estava vazia. Não tinha nada dentro. Mesmo assim, eu me sentia melhor."

Eu ainda balanço um pouco, mas acredito na minha melhora. Acredito.

Ao final do último encontro, após muitas despedidas, uma das mulheres chega até mim e pede meu endereço. Diz que gostaria de me enviar um presente. Eu, naquele momento, ainda estava sem endereço fixo, na busca por um novo lugar onde morar. Passei a ela meu endereço antigo, pois era o "endereço fixo" que eu poderia passar. Um tempo depois, recebi seu presente: um saquinho protetor de roupas delicadas para usar na máquina de lavar. Um saquinho que, ao chegar em sua destinatária, porta a mensagem: mesmo quando for delicado, há uma rede de proteção. Essa rede de proteção somos nós, as mulheres. É o bando. É a luta feminista.

Ela não sabia, mas naquele momento, ela me presenteava com o primeiro item da minha casa nova.

Não é simples, mas não é impossível.

5. ENSAIOS A CONCLUIR

“Violentar uma é violentar todas.”

(TOROSSIAN, 2017)

Realizar esse grupo lançou luz ao fato de que situações de violência retiram o sujeito do jogo metonímico-metafórico na lida com o laço social, estabelecendo um fluxo metonímico que é da ordem do traumático, ou seja, da repetição e da pulsão de morte. As falas das participantes, carregadas de significantes de valor – valor, esse, desvalorizado pelo capital – tomadas em transferência e no estar em grupo, trabalham de forma a deslocar o sujeito que os toma, neste caso, a pesquisadora. Socializar vividos de violência, de trauma, enseja efeitos metafóricos para quem compõe o campo transferencial, para quem o vive e se afeta por ele. Nesse sentido, estar com essas mulheres, ouvir suas histórias e suas produções narrativas teve efeitos de deslocamento no traumático experienciado por mim como mulher, no momento em que, alicerçada na proposta dessa pesquisa, comprometo-me a receber essas narrativas e fazer algo com isso, endereçá-las a esta escrita.

Desde o início, na preparação para o processo seletivo, até hoje, meu tema de investigação segue o mesmo. Meu desejo e implicação com o tema da misoginia e da violência patriarcal – esta, indissociável do sistema capitalista – imbricam-se na própria posição subjetiva na qual me reconheço. Lutar pela possibilidade de viver em um país que não mate uma mulher a cada seis horas pelo simples fato de ser uma mulher também é uma forma de tentar me manter viva e inteira. Minha pesquisa passa por essa luta: não apenas a minha sobrevivência, mas de toda e qualquer mulher. Se os homens nos matam como moscas (MELO, 2019), não podemos tolerar nem uma a menos.

O tempo de trabalho com mulheres em situação de violência anterior ao mestrado ensejou, em mim, o desejo de pesquisar esse tema no formato da

academia. Vivenciar o que significa ser uma mulher no Brasil atual catalisa, por meu turno, a convocação do desejo de intervir, sem cair na paralisação ou no retirar-se de cena. Ser mulher me convoca a escutar e pesquisar com mulheres, mas apenas por ter, comigo, outras mulheres que me dão recursos para lidar com as violências que nós todas encontramos no caminho.

No entanto, é claro que isso não se dá sem efeitos, também, de angústia. O prazo da academia acaba por impor um tempo que o inconsciente nem sempre dá conta, principalmente se pensarmos no trabalho com sujeitos que têm sido violados e agredidos em suas vidas. A dificuldade em constituir o grupo com um número de mulheres suficiente para iniciar o trabalho ilustra esse dado. Os sujeitos que busquei acessar são mulheres que, na sua maioria, não têm empregos fixos que as permita faltar ao trabalho para passar um turno falando sobre sua dor. Mulheres que não se autorizam a priorizar a si mesmas em detrimento de trabalho, dinheiro, filhos e marido. Mulheres que, muitas vezes, não se permitem reconhecer o próprio sofrimento, colando-se aos imperativos de aceitação, superação e culpabilização impostos pela meritocracia e o capitalismo predatório – expressão que é quase um pleonismo.

Mesmo assim, seguimos na luta para cavar esse espaço psíquico fundamental junto a essas vítimas do sistema, com a esperança de que uma Maria vá com as outras e forme, assim, uma rede de Marias. Marias de diversos nomes e histórias, que tocam e transformam umas às outras. Marias que, nesta pesquisa, puderam se nomear de muitas formas.

Também sou parte dessa rede. E, no ano passado, foi a ela que pude recorrer quando me vi, do mesmo modo, em uma situação de violência. Vivi algo da ordem desse traumático que irrompe, que inunda e quase afoga. Voltei à superfície devido a minha rede de proteção, como representada no saquinho que recebo de presente de uma das mulheres participantes.

De toda sorte, o que aconteceu me lança, novamente, ao meu tema e à certeza dessa escolha. Como descrito na seção anterior, depois desse acontecimento – palavra que tomo emprestada de Annie Ernaux, no sentido utilizado em seu livro *O Acontecimento* (ERNAUX, 2022) –, acabei por tomar uma posição ética de que o grupo aconteceria de uma forma ou de outra, com o

número de mulheres que fosse. Não é possível, para mim, aceitar viver em um mundo que nos violenta, que nos subjuga e nos explora. Não mais.

Meu desejo é que a minha produção acadêmica e clínica possa, de fato, fazer furos, mesmo que microscópicos, na lógica da violência de gênero – pode ser ingenuidade, mas é uma premissa da qual não estou disposta a abrir mão. Ainda bem que encontrei, no caminho, outras mulheres “ingênuas” que também se recusam a abrir mão da possibilidade de construir um mundo menos violento para nós.

Uma mulher sozinha faz pouca coisa em um mundo como o nosso, por isso andamos em bando. A minha pesquisa também não anda sozinha. Ela se vê rodeada de desejo, aposta e força, agora mais do que nunca. Também se vê rodeada de mulheres incríveis que puderam apostar nela junto comigo. Essa pesquisa é porque elas, também, são. Como diz o ditado popular, “as mulheres são como as águas, crescem quando se juntam”. Finalizo esse pequeno ensaio com uma dedicatória a todas as mulheres que desaguaram em mim.

“é a opressão que cria o sexo, e não o
contrário”

(WITTIG, 1982, p. 1)

Muitas são as perguntas que dão corpo a essa pesquisa e que acompanham nossa escrita. Perguntas que escapam de respostas não só porque a teoria falta, principalmente frente a conceitos tão complexos quanto aos elencados aqui, mas porque, também, faltam palavras frente ao problema do gênero feminino em um país como o Brasil. A pandemia de covid-19 escancarou e potencializou fenômenos que vêm assolando o país há muitas décadas e a violência contra a mulher, infelizmente, não ficou de fora. Falta-nos fôlego para percorrer sobre todos os números, ainda mais frente a índices tão assustadores. No entanto, é importante situar a atual situação das mulheres no Brasil: só no primeiro semestre de 2023, foram registrados 722 feminicídios, em média 4 por dia, o que configura um aumento de mais de 2% dos casos em comparação com

o primeiro semestre do ano anterior. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023)

O aumento de casos de estupro de mulheres e meninas também se deu em comparação com 2022, 16,3% a mais. No primeiro semestre de 2023, 34.428 mulheres ou meninas foram estupradas no Brasil, o que totaliza um estupro ou estupro de vulnerável a cada 8 minutos. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022). Segundo o Atlas da Violência do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2023, meninas de até 13 anos de idade representam a maior parte das vítimas, o que configura estupro de vulnerável, ao passo que 8 em cada 10 vítimas tinham menos de 18 anos. Além disso, mulheres e meninas negras têm sido vitimizadas substancialmente de forma mais recorrente do que brancas. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023)

Outras formas de violência contra mulheres (física, psicológica, patrimonial etc.) também têm aumentado a cada ano, fazendo com que vivamos “uma epidemia de violência de gênero”. (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020). Essa pesquisa se deu no sentido de buscar formas de intervir nessa realidade, “porquanto nada fazer ou nada propor a respeito seria afirmar a indiferença social, o que também é uma forma de violência” (VIGIL; SEI, 2022). O tema dessa pesquisa nasce da tentativa de dar bordas à angústia de atravessar tal epidemia, principalmente pelo fato de que eu, pesquisadora, também sou uma mulher. Sim, uma mulher branca, cisheterossexual, de classe privilegiada, sem deficiência – mas uma mulher, o que é fator de risco em um país que dispõe de dados como os supracitados, que aumentam a cada ano.

O regime falocêntrico transforma a feminilidade em alvo da agressividade, ao associá-lo à morte. (CIXOUS, 1975). Se o feminino foi e segue sendo grande enigma para a ciência e para o inconsciente, é preciso encontrar novas formas de abordá-lo que não passem por seu aniquilamento. Para que as mulheres possam seguir vivas, física e psiquicamente.

Ao dar a possibilidade de fala e escuta às mulheres em situação de violência, essa pesquisa busca poder contribuir para um cenário onde as mulheres sigam vivas – e, mais do que isso, que possam se apropriar das próprias vidas e do próprio desejo, em uma posição de sujeito. Além disso,

buscamos, a partir do material produzido pelas mulheres, promover subsídios para que o tema da violência de gênero siga ocupando o urgente espaço que merece no campo da psicanálise e junto a universidades e áreas de pesquisa. Esperamos, assim, que o trabalho realizado por nós possa contribuir como referência a estudos e políticas de intervenção futuros.

Embora Freud reconhecesse sua própria incapacidade de descrever e teorizar sobre o feminino, como já citado aqui, também a psicanálise contribuiu para vertentes do pensamento que localizam o advento do feminino a partir do masculino (PRATES, 2019). Concordamos com Balsam (2015) que a psicanálise dos dias de hoje não está livre de reproduzir misoginia, assim como outras violências como racismo, classismo e capacitismo. Dessa forma, é compromisso ético da psicanálise – ou melhor, de psicanalistas e pesquisadoras/es da psicanálise – revisitar sua própria história e acompanhar o avanço do seu tempo. Resta a pergunta, contudo, se estão dispostas/os a se organizar e trabalhar para isso, criando novos projetos de intervenção, dispondo-se a abrir mão de privilégios, tornando a psicanálise mais acessível e democrática. Para que seja possível tecer novas formas de abordar o laço social que a constitui, tendo em vista, junto ao aforismo lacaniano, a subjetividade de nossa época. (LACAN, 1998)

“Nossa premissa feminista é: eu tenho valor”

(ADICHIE, 2017, p. 12)

Ao fazer a seleção das frases, não me ative a categorias de sentido ou a uma busca significativa ativa, com palavras pré-selecionadas. Entendendo que o método de pesquisar deve fazer justiça ao argumento que sustenta o trabalho, apresento minha pesquisa como uma proposição psicanalítica, contornando a teoria a partir de um tratamento não-fálico, na contramão do próprio funcionamento da pesquisa científica.

Nosso objeto de pesquisa é de grande complexidade, o que acaba por limitar o fazer dessa pesquisa, ainda mais quando em apenas 24 meses.

Retomando nossos objetivos iniciais, que serviram como mote ao pesquisar, não foi possível dar conta de explorar todos os conceitos psicanalíticos que fundamentaram o presente tema, parte por sua complexidade e inesgotabilidade, parte pelas limitações que são próprias a qualquer percurso de mestrado.

As frases selecionadas aqui são tomadas como frases de valor. Valor de uso, não só a essa pesquisa, mas também no tocante à dimensão transferencial que afeta a pesquisadora. São frases elevadas ao estatuto de dado a partir da transferência que se estabeleceu entre o grupo por apontarem para uma subversão do que é tomado como valor dentro de um laço social organizado por uma primazia fálica, tramando uma outra categoria de valor – um valor subversivo.

Um valor subversivo indicativo do que se faz para além do já estabelecido, do que se perlabora. Ouso defender que minha proposta com essa pesquisa é a mesma da psicanálise, ou seja, oferecer novas formas de ser ao sujeito, apostando que é possível sair da lógica fálica – porém, é preciso que essa elaboração seja coletiva para que haja efeitos verdadeiros de deslocamento. Tais frases só podem operar subversões na lógica do capital se pronunciadas em coro, se ressoarem no coletivo.

É evidente que existem grandes limitações nesse sentido. Assim como uma análise não se propõe a "salvar" um sujeito, essa pesquisa não busca apresentar soluções ao mal-estar da cultura atual. As mulheres participantes, como todes nós, estão, de muitas formas, incluídas e atravessadas pelos sustentáculos do discurso capitalista. Partimos desse mesmo lugar que criticamos, ele nos determina e nos constitui como sociedade. Porém, pode haver algo a mais. Parece-nos que pode, com efeito, o feminino apontar a Outras lógicas ainda a serem construídas.

Por conseguinte, não se trata de apresentar um modelo imaginário de potencialização fálica da mulher, como "guerreira" ou "poderosa" (a partir de jargões como o *Girl Power*) ou advogar pelo "empoderamento feminino", expressão tão cara ao capitalismo tardio e ao feminismo civilizatório. Porém, se constatamos que, dentro de uma lógica que privilegia o falo, um corpo feminino cai como objeto a ser violado, é preciso afirmar a potência daquelas e daqueles que decidem não reproduzir o valor do capital na sua totalidade, que corajosamente arrojam-se a valorizar valores de outra natureza. Como é o caso

das mulheres do grupo de palavra quando, por exemplo, suportam o risco de serem descontadas ou ter o emprego prejudicado por ver, no grupo, um espaço de valor subjetivo.

O que se fez com esse espaço de valor subjetivo ainda não parou de se escrever. O grupo foi finalizado e não foi retomado com o início de um novo ano. Seguimos com nosso grupo do WhatsApp, no entanto. Algumas mulheres, durante esse processo, foram encaminhadas a atendimentos individuais no Projeto Gradiva, por expressarem o desejo de ter um espaço de fala para si. Guardo comigo as memórias, as fotos e os presentes de nosso encontro. Como em um fim de análise, o efeito do trabalho segue conosco, mesmo depois do fim. Há um depois do fim. Justamente porque há um antes também.

"As mulheres sempre falaram, sempre furaram as veias da opressão", diz-nos Torossian (2017). Isso significa que elas seguirão falando, também, após esse grupo. Já falavam antes dele e é isso que permitiu que esse grupo acontecesse. Não o contrário. Ao final dessa trajetória de pesquisa, meu desejo é poder seguir escutando o que falam essas mulheres, encontrando outros espaços que também as escutam, sendo escutada como mulher. Como sociedade, temos, ainda, muito o que aprender com elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. **Notas de literatura I**. 1 ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2003, 176 p.
- ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 96 p.
- AMBRA, P. E. S. **Das fórmulas ao nome: bases para uma teoria da sexuação em Lacan**. 2017, 391 p. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017
- BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 268 p.
- BAIMA, A. P. S. **O supereu como imperativo de gozo e o discurso capitalista**. 2018. 157 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- BALSAM, R. H. The war on women in Psychoanalytic theory building: past to presente. **Psychoanal Study Child**, n. 69, p. 83-107. doi: 10.1080/00797308.2016.11785524. PMID: 27337812.
- BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 1999, 224 p.
- BLEICHMAR, H. Teoria do Édipo em Lacan. In: **Introdução ao estudo das perversões: teoria do Édipo em Freud e Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BOAS, L. M. V.; BRAGA, M. C. C.; CHATELARD, Escuta psicanalítica de gestantes no contexto ambulatorial: uma experiência em grupos de fala. **Psico**, v. 44, n. 1, pp. 8-15, jan./mar. 2013
- BRAUNSTEIN, N. A. O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso?. **A peste**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 143-165, jan./jun. 2010
- BROIDE, E. E.; BROIDE, J. A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 53, n. 3, jul./set. 2019.
- BUENO, C. **A denegação do mestre: os discursos da dominação e o mal-estar contemporâneo**. 1 ed. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2019, 158 p.
- CAMARGO, M. Subversões do feminino. **Carta de São Paulo**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 195-201, abril de 2021.
- CAON, J. L. O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica da pesquisa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 145-174, 1994.
- CIXOUS, H. (1975) **O riso da Medusa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022, 109 p.

COSSI, R. K. Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação. **Psicologia USP**, v. 31, 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e180043>

COSSI, R. K.; DUNKER, C. I. L. A diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 33, pp. 1-8. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3344>

COSTA, A.; BONFIM, F. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. **Ágora**, São Paulo, v. 17, n. 2, jul./dez. 2014

DINIZ, D.; GEBARA, I. **Esperança feminista**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2022, 276 p.

ERNAUX, A. **O acontecimento**. 2 ed. São Paulo: Editora Fósforo, 2022, 80 p.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Segurança em números, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/169d72f9-48b4-4f9a-a1ca-c06595232244>. Acesso em: 13 de abr. de 24.

FREUD, S. (1923) **A organização genital infantil**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, S. (1932) **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: feminilidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FUENTES, M. J. S. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. 2019, 274 p. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 375 p.

GRADIVA. **Documento de estabelecimento e orientação de práticas**. Porto Alegre, 2020. Documento interno.

ILUSTRÍSSIMA CONVERSA: Bela Gil: trabalho doméstico sem salário não é amor, é escravidão. Entrevistada: Bela Gil. Entrevistador: Eduardo Sombini. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2vChPHVJgz9b2pnTfuDtdK?si=nSH0mjvdSXCE73vZPutSBA&nd=1&dlsi=de5588c8bda4419f>. Acesso em: 19 fev. de 2024.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008, 281 p.

KIERKEGAARD, S. **Stages on life's way**. 1ed. New Jersey: Princeton University Press, 808 p.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019. 244 p.

LACAN, J. **Escritos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

LACAN, J. **Do discurso psicanalítico** (conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972). Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>. Acesso em: 4 ago. 2021

- LACAN, J. (1959-1960). **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 387 p.
- LACAN, J. (1964-1965). **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 157 p.
- LACAN, J. (1969-1970). **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, 231 p.
- LACAN, J. (1971-1972). **O Seminário, livro 19: O saber do psicanalista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, 250 p.
- LACAN, J. (1972-1973). **O Seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 157 p.
- LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e Realidade**, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun. 2004.
- LEAL, G. **A língua da Medusa**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022, 162 p.
- LIMA, V. M.; VORCARO, A. M. R. O pioneirismo subversivo da psicanálise nos debates de gênero e sexualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, p. 1-13, nov. 2020
- LONGHINI, G. D. N. **Mãe (nem) sempre sabe**: existências e saberes de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais. 2018, 166 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- MANO, G. C. M.; WEINMANN, A. O.; MEDEIROS, R. H. A. A paixão pelo autômato: a condição maquínica. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 506-523, ago. 2018.
- MCGROWAN, T. **Enjoying what we don't have**: the political project of psychoanalysis. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013
- MEDEIROS, R. H. A. A construção de um dispositivo que permita estudar os discursos que organizam o campo da saúde: um ensaio sobre os efeitos discursivos e a formação do profissional em saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 497-514, 2010.
- MEES, L. A. **Passagens entre o feminino e o fim de análise**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2021, 177 p.
- MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019. 240 p.
- MIRANDA, A. B et al. Cronista: um lugar em construção – a escuta inscrita e escrita em uma função. *Correio da APPOA*, n. 206, set. 2011. Disponível em: https://appoa.org.br/uploads/arquivos/miolo_correio_appoa_206.pdf. Acesso em: 20 de novembro de 2022
- MOLINA, J. A. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

OYĚWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

PRATES, A. L. **Feminilidade e experiência psicanalítica**. 3 ed. São Paulo: Larvatus Prodeo, 2019, 250 p.

PEREIRA, M. R.; SEI, C. C. ; SILVESTRIN, C. C. Uma psicanálise feminista decolonial é possível? **Correio da APPOA**, n. 320, maio. 2022. Disponível em: https://apoa.org.br/correio/edicao/320/8203uma_psicanalise_feminista_e_dec_olonial_e_possivel/1100. Acesso em: 31 de novembro de 2022

POMMIER, G. **Féminin, révolution sans fin**, Pauvert: Paris, 2016, 304 p.

QUINET, A. **Os Outros em Lacan**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, 55 p.

RIBEIRO, L. A. **Uma gramática disparatada da revolução**: negação, mulher e ontologia no texto L'Étourdit de Lacan. 2020, 360 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RIVERA, T. Subversões da lógica fálica – Freud, Lacan, Preciado. **Psicanalistas pela democracia**, 2019. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2019/12/subversoes-da-logica-falica-freud-lacan-preciado-por-tania-rivera/>. Acesso em: 28 de novembro de 2022

RIVERA, T. **Psicanálise antropofágica**: identidade, gênero e arte. 1 ed. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2020, 156 p.

ROSA, M. D. **Psicanálise, política e cultura**: a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento. 2015. 144 p. Tese (Livre-docência no Departamento de Psicologia Clínica), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ROSA, M. D.; BINKOWSKI, G. I. A psicanálise nas marcas da alteridade e da diferença: o imigrante e os marca-dores sociais. In: **Instituições psicanalíticas: às margens do impossível**. 1 ed. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2022, 374 p.

RUBIN, G. (1975) O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In: **Políticas do sexo**. 1 ed. São Paulo: Ubu Editora, 2017, 144 p.

SAFATLE, V. **Maneiras de transformar mundos**: Lacan, política e emancipação. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, 172 p.

SARTI, M. M.; TFOUNI, L. V. Por uma língua-objeto: o avesso do gozo na cultura de consumo. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 267-282, jul./dez. 2013

SATO, F. G.; MARTINS, R. C. R.; GUEDES, C. F.; ROSA, M. D. O dispositivo grupal em psicanálise: questões para uma clínica política do nosso tempo. **Psicologia Política**, v. 17, n 40, p. 484-499, set./dez. 2017

SOLER, C. O discurso capitalista. **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 55-67, 2011.

TOROSSIAN, S. D. Ni uma menos!. **Sul 21**, Rio Grande do Sul, 28 nov. 2017. Disponível em: <https://sul21.com.br/colunascoluna-appoa/2017/11/ni-una-menos/>. Acesso em: 12 de abril de 2024

VIGIL, L. M.; SEI, C. C. O feminino na mira da violência. **Correio da APPOA**, n. 320, maio. 2022. Disponível em: https://appoa.org.br/correio/edicao/320/o_feminino_na_mira_da_violencia/1103. Acesso em: 9 de dezembro de 2022.

WITTIG, M. A categoria de sexo. **Feminist Issues**, Berlim, n. 2, 1982. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/639941/a+categoria+de+sexo+monique+wittig.pdf>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022

ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do projeto: “Sub-versões do falo: interrogantes sobre o lugar do feminino no discurso capitalista”

Pesquisadores responsáveis: Roberto Henrique Amorim de Medeiros e Livia Maciel Vigil

Instituição dos pesquisadores responsáveis: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Telefone do pesquisador responsável: (51) 99998-7594

Telefones do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Psicologia da UFRGS: (51) 3308-5698 (Bernardo Linck, secretário) ou (51) 3308-5066 (Secretaria Geral do Instituto de Psicologia)

E-mail do CEP: cep-psico@ufrgs.br

Este projeto de pesquisa visa contribuir para as reflexões acerca do lugar do feminino no nosso tempo. Sua colaboração é importante para o levantamento do dado principal do estudo: a coleta de narrativas sobre o ser mulher na atualidade. Caso aceite, você participará de um grupo com mulheres que estejam em sofrimento psíquico devido à situação de violência, atual ou pregressa, e que não disponham de recursos financeiros para buscar tratamento psicológico na rede privada. Será solicitado que as participantes produzam registros (escritos ou não) sobre a experiência dos encontros, relatando seus sentimentos e pensamentos associativos.

Os benefícios pessoais podem ser admitidos no sentido da oportunidade de estar em um espaço acolhedor para falar livremente sobre o que vier à cabeça, sobre dores e momentos difíceis, mas também sobre alegrias, sonhos e esperanças. Em relação aos riscos da participação, podem estar relacionados com sentimentos difíceis e afetos não agradáveis despertados no grupo, além de preocupações – como quanto ao sigilo das informações – visto que nem sempre é fácil falar de si mesma, principalmente no que tange a eventos traumáticos experienciados.

Estima-se que o número mínimo de encontros seja em torno de 15, com tempo de duração de cerca de uma hora. Os possíveis dados desta pesquisa serão armazenados por cinco anos a contar da data da coleta e ficarão em posse dos pesquisadores responsáveis. Será garantido o anonimato na divulgação dos resultados dessa pesquisa. Os pesquisadores responsáveis serão estritamente

rigorosos em manter em sigilo as informações pessoais de todas as participantes, principalmente tendo em vista a sua proteção de possíveis companheiros/agressores. Os nomes das participantes não serão utilizados, bem como qualquer informação pessoal de identificação. Os registros e dados serão guardados durante o período supracitado para fins estritamente de pesquisa – após esse período, eles serão apagados em sua totalidade. Mesmo assim, caso algum efeito desagradável ou resultado indesejável proveniente da sua participação ocorra, você poderá solicitar uma conversa com os pesquisadores para expor o problema e buscar apoio, acolhimento e encaminhamento de solução. Fica desde já facultada sua retirada de consentimento de participação nesta pesquisa em qualquer momento do processo e isso não gerará penalizações. Você terá o direito de manter em sua guarda uma via deste termo de consentimento. O consentimento de participação na pesquisa não retira os direitos previstos nos termos da Lei (artigos 927 a 954 da Lei 10.406/2002, Resolução CNS 510 de 2016 e Resolução 466/2012).

Não há custos com a participação na pesquisa. Quaisquer dúvidas, favor contatar os pesquisadores responsáveis por meio do telefone que está no cabeçalho deste termo.

Eu, _____, CPF nº _____, declaro ter lido o conteúdo deste documento e concordo em participar, como voluntária, do projeto de pesquisa acima descrito.

_____, ____ de _____ de _____.

Lívia Maciel Vigil
Pesquisadora responsável

Roberto Henrique Amorim de Medeiros
Pesquisador responsável

Participante da pesquisa

ANEXO B: Crônicas

Andressa Alves
25/10/23

Iniciamos com assinaturas do termo de aceite, após apresentação de cada integrante.

Conversamos das várias culturas; souvenirs.

Em um momento de reflexão a Ellen colocou vários tipos de violências; a mestre deixou livre para a fala. Me fez lembrar da música de Renato Russo: Os pais são crianças. A mestre fala dos vínculos, papéis; a amiga fala de relação com os animais (Grace). Colocou-se a questão do stress familiar.

A mestre fala Guriat! um amor ♡

Hoje iniciamos a reunião refletindo sobre os reflexos da reunião anterior.

Posteriormente a nossa fala sobre seus desafios para ser ouvido nos grupos de convivência; Contar sobre seus sonhos de projetos sociais.

Falar sobre a criação de filhos e os desafios enfrentados para minimizar os impactos da violência na criação dos filhos.

Alcélia no contar que encontrou um doguinho, uma gata de apoio na criação dos filhos.

Obs: Hoje estamos em 3 e aguardando a 4ª pessoa.

Relatei sobre conflitos com meu filho.

Alcélia a nossa fala sobre seus valores na educação dos filhos.

Uma reflexão que tive: As demandas que volumamos na criação dos filhos, traz muita exigência, e nos faz agir com muita dureza, temos filhos pois de uma responsabilidade que não está preparada.

A Cécilia chegou para Computar o Grupo.

Hoje de ter dificuldades de dizer aqui e no contar sobre conflitos que traz quando está com dificuldades.

Ter a facilidade ali de perguntar e ter vontade de tentar de ver.

No falar sobre os reflexos dos filhos, sobre como advogados quando não conseguimos alcançar algum objetivo.

Um Bombardio de emoções.

Aprender me a cuidar mais dos outros do que de mim mesma?

Como conviver com todos estes erros?

A maior parte dos relatos agitados são pessoas que tem um alto nível de estresse, isso potencializa dor e traumas.

Temos de falar de estrutura social, violência geracional

São Paulo, 22 de novembro de 2023.

Começamos por escolher frases que a Líria escolheu para a dinâmica do grupo.

Falamos sobre o lugar da mulher, da angústia que ela sente, no trabalho, na casa, na família, no relacionamento. As agressões, o homem machista que também é cobrado pela sociedade, pelos amigos.

São Paulo, 07 de dezembro de 2023

Iniciamos falando sobre o violênc, disseminado entre a sociedade.

A violência do Que Pequiman; os tipos de violência, porque não somos estagnados?

Da um toque... funciona? quando nos a posição.

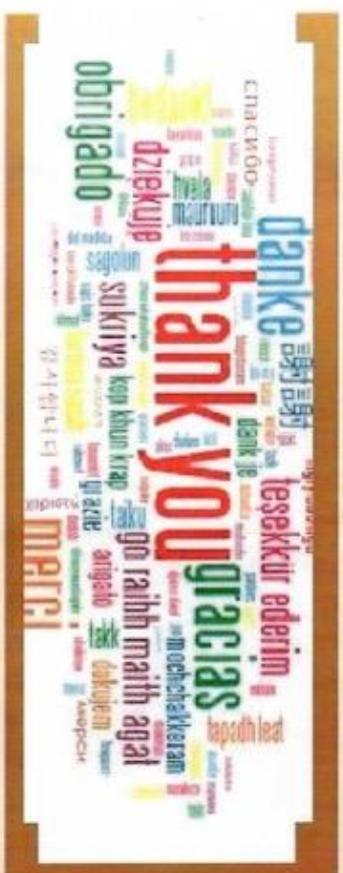
Quais frequências temos, como agir.

Digerir as violências.

Além de sobreviver é viver!

→ Líria e o bando vão ou não, buscando minha opinião / aprovação

GRUPO DE PALAVRA PARA MULHERES



MESTRANDA: LÍVIA MACIEL VIGIL

ORIENTAÇÃO: PROF. DR. ROBERTO HENRIQUE AMORIM DE MEDEIROS (UFRGS)

COORIENTAÇÃO: PROF. DR. GABRIEL INTICHER BINKOWSKI (USP)